

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

10,0

A EXPANSÃO CANAVIEIRA NO VALE DO CEARÁ-MIRIM  
1845-1930



Jailma da Silva Medeiros Santos

NATAL/RN  
2001 .\

JAILMA DA SILVA MEDEIROS SANTOS



**A EXPANSÃO CANAVIEIRA NO VALE DO CEARÁ-MIRIM**

**1845-1930**

*Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Prof<sup>o</sup>. Ms. Zoroastro Ramos Cardoso.*

NATAL/RN  
2001

*Aos meus pais,  
João e Damiana.*

## AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração desse trabalho, o meu reconhecimento, carinho e agradecimentos sinceros.

Ao professor Zoroastro Ramos Cardoso, pelo incentivo, apoio e orientação.

A professora Francisca Aurinete Girão pela revisão da normatização do trabalho.

Ao Sr. Jorge Tavares de Moraes Filho, Coordenador do Núcleo de Estudos Históricos, pela atenção e presteza que me dispensou no fornecimento de material necessário para execução do trabalho.

Ao Sr. Wellington, que facilitou o acesso à documentação existente no Memorial Câmara Cascudo.

Aos colegas, Carlos Nascimento, Célia Lins, Manoel Bezerra, Professor Carlos, Otoniel Falcão e toda equipe de trabalho pelo fornecimento de material necessário.

Aos meus pais, esposo, filho e familiares pela dedicação dispensada.

## SUMÁRIO

	Páginas
1. INTRODUÇÃO .....	05
2. A CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL .....	07
3. A CULTURA CANAVIEIRA NO VALE DO CEARÁ-MIRIM	
3.1 Origem e importância do Vale.....	16
4. OS ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR NO VALE	
4.1 Origem e desenvolvimento dos engenhos .....	24
4.2 O engenho .....	32
4.2.1 A casa grande, a capela e a senzala .....	32
4.2.2 Fabrica de açúcar .....	33
4.2.3 Casa de purgar .....	33
4.2.4 Casa de Farinha .....	34
4.3 Transporte .....	35
4.4 Engenhos Centrais .....	36
4.5 Usinas .....	37
5. CONCLUSÃO .....	41
6. BIBLIOGRAFIA E FONTES .....	43
7. ANEXOS	

## 1. INTRODUÇÃO

A definição pelo tema **A Expansão Açucareira no Vale do Ceará-Mirim** está diretamente relacionada com o início do período do recorte cronológico, o ano de 1845, quando se deu uma grande seca, aumentando o fluxo migratório do semi-árido potiguar para as áreas litorâneas. Grande parte do capital tradicionalmente investido na pecuária e na economia algodoeira potiguar passa a ser transferido para a agroindústria açucareira, antes reduzida ao sul da Província. Deste modo, surgem novas áreas produtoras de cana de açúcar nas áreas litorâneas, destacadamente no Vale do Ceará-Mirim, menos sujeitas à falta de chuvas.

No período que vai de 1845 a 1930, a expansão açucareira neste vale litorâneo faz surgir ao norte da capital potiguar uma economia e uma sociedade que se diferencia em grande parte da que predomina no Rio Grande do Norte. O vale incorpora-se econômica e socialmente ao Nordeste do Brasil açucareiro.

A metodologia utilizada partiu do geral para o particular, da causa para os efeitos, do princípio para as conseqüências, a fim de identificar as mudanças ocorridas desde a sua formação até a consolidação e declínio da economia e sociedade açucareira; e até que ponto as determinações externas condicionaram a evolução do Vale.

Partindo, por conseguinte, do geral para o particular, do Nordeste açucareiro para o Vale do Ceará-Mirim, como caminho metodológico, buscou-se compreender o papel da cana de açúcar na constituição e desenvolvimento da economia e sociedade açucareira, no período estudado. Ocorre ao mesmo tempo dentro deste período uma transição do tradicional engenho bangüê para a usina de açúcar, tanto no Nordeste açucareiro como, em particular, no Ceará-Mirim, cuja produção de açúcar passa a ter uma participação destacada na economia potiguar.

A história da cana-de-açúcar no município do Ceará-Mirim, pela sua peculiaridade dentro do contexto da sociedade e economia predominante no Rio Grande do Norte, contribui para se compreender melhor os tipos sociais gerados por esse mundo dos canaviais, engenhos e usinas produtores dos derivados da cana, tais como açúcar, mel, rapadura e cachaça ou aguardente.

A monografia se divide em três capítulos: o primeiro pretende contextualizar a história da cultura canvieira no Nordeste do Brasil; o capítulo seguinte mostra o que a

cana de açúcar produziu no Ceará-Mirim, quando este ainda pertencia ao município de Extremoz, e sua importância econômica para o Estado; o último capítulo trata especificamente dos engenhos, desde suas origens, seu desenvolvimento, sua localização, produção e importância, a fim de se ter dados quantificáveis para compreender o sucesso e fracasso da produção canavieira no Vale do Ceará-Mirim. Para isto foram registradas também neste capítulo as transformações que se processaram tanto na forma ou tecnologia de produção do açúcar, quanto nas relações de trabalho, desde o trabalho escravo ao assalariado.

Realizar a descrição da cultura canavieira no Vale do Ceará-Mirim significa localizar os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que, ao se influenciarem e interagirem, produziram uma história social diretamente ligada à formação da sociedade patriarcal típicas dos engenhos e da cultura nordestina.

Mesmo que o Vale do Ceará-Mirim tenha atingido o apogeu com a economia açucareira, num solo e clima propícios, também entrou em decadência como área produtora de açúcar para o mercado interno e externo. Este fracasso certamente pode ser compreendido pelo conjunto de fatores que atingiram o tradicional Nordeste açucareiro. Nem mesmo as áreas nordestinas propícias ao cultivo da cana de açúcar, como o Vale do Ceará-Mirim, ficaram livres da crise açucareira afetada pelo descompasso com o avanço tecnológico de outras regiões na produção de cana e açúcar.

Portanto, compreender as origens e o desenvolvimento da sociedade e economia açucareira nordestina, em geral, e potiguar, em particular, constitui uma necessidade para todos aqueles que procuram de algum modo uma saída viável para a crise que transformou a agroindústria açucareira em atividade deficitária e que jogou no desemprego e/ou mercado informal os seus trabalhadores.

A produção deste trabalho também visa chamar a atenção para o patrimônio arquitetônico, que ora se encontra em total descaso perante as autoridades competentes, talvez o maior do Estado, no que se refere à cultura canavieira. O que mereceu uma parte nos “anexos” de alguns velhos engenhos e edificações ligadas à ascensão do açúcar.

Esta monografia tenta contribuir para compreender o passado sem perder de vista o presente, a fim de divisar alternativas para todos aqueles que viveram até há pouco tempo na economia e sociedade açucareira.

## 2. A CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL

*A cana de açúcar poderá ser considerada como a cultura agrícola mais importante da História da Humanidade, pois provocou o maior fenômeno em termos de mobilidade humana, econômica comercial e ecológica. A sua afirmação como cultura agrícola é milenar e abrange vários quadrantes do planeta. É de todas as plantas domesticadas pelo Homem aquela que acarreta maiores exigências. Ela quase que escraviza o homem, esgota o solo, devora a floresta e dessedenta os cursos de água.<sup>1</sup>*

A colonização no Brasil foi organizada a partir da cana-de-açúcar. Esta foi a melhor forma que Portugal encontrou para garantir a posse da terra. Este cultivo preenchia toda as condições básicas: adaptava-se ao clima e solo local; boa aceitação no mercado europeu; e favorecia a ocupação de grandes propriedades, garantindo o domínio e expansão territoriais. O sucesso da experiência com a produção açucareira nas ilhas da Madeira e de Cabo Verde com este produto de grande valor comercial na Europa incentivou, empresários portugueses a investirem na economia açucareira em terras brasileiras concedidas pela Coroa lusitana aos donatários e sesmeiros.

As capitanias do Nordeste foram as que apresentaram um maior desenvolvimento na produção açucareira, especialmente Pernambuco e Bahia. Isso se deve a existência de condições favoráveis, que conseguiram suprir as exigências da empresa agroindustrial açucareira.

No final do século XVI, existiam 120 engenhos, aos quais o governo português deu uma série de incentivos: isenção de impostos, doação de terras, autorizações necessárias à implantação de engenhos.<sup>2</sup> Com isso o desenvolvimento da produção de açúcar foi crescente. Chegando a triplicar de volume nos últimos 20 anos deste século,<sup>3</sup> ao ponto de tornar o Brasil o maior produtor mundial de açúcar e o Nordeste a região mais rica do Brasil, até meados do século XVII. Esta riqueza atraiu corsários e piratas, mas, sobretudo holandeses, que conquistaram vasta área do Brasil (1630-1654), através da Companhia das Índias Ocidentais.

Em 1654 os holandeses que ocuparam o Brasil foram expulsos pelos portugueses e passaram a cultivar cana-de-açúcar nas Antilhas, concorrendo com o açúcar brasileiro nos

<sup>1</sup> [www.madinfo.pt/organismos/ceha/ecologia/eco4.html](http://www.madinfo.pt/organismos/ceha/ecologia/eco4.html)

<sup>2</sup> CAMPOS, Raymundo. Grandezas do Brasil no tempo de Antonil (1681-1716), p. 16

<sup>3</sup> CARDOSO, Zoroastro Ramos. Burgueses Urbanos: dos flamengos aos mascates em Recife, p. 123

mercados tradicionais, ocasionando a queda da produção brasileira, pois os holandeses não precisavam mais do açúcar brasileiro para vender na Europa e como produtores podiam vender seu próprio produto por preços mais acessíveis que os portugueses. A junção da produção brasileira com a antilhana gerou uma superprodução do açúcar e o mercado não conseguiu absorver toda a oferta, resultando na queda do preço.

*A concorrência do açúcar antilhano, que era produzido com melhor tecnologia (...) faz a oferta crescer demais, abarrotando o mercado internacional, e a corrida do ouro brasileiro, logo em seguida, afetam de tal modo o setor da produção açucareira e o mercado açucareiro que provocam uma vertiginosa queda dos preços do açúcar e uma elevação nos custos da produção levando ao individamento e a falência grandes e pequenos produtores de cana e açúcar brasileiro.<sup>4</sup>*

Em quase todo o período colonial, o Brasil fora obrigado a exportar sua produção aos mercados portugueses, assegurando desta forma a cobrança de tributos sobre os produtos da colônia. Quanto à importação apenas era permitida a entrada de produtos portugueses. Os brasileiros foram prejudicados com esta forma de mercado, visto que os exportadores brasileiros não conseguiam os melhores preços dos mercados consumidores.

No final do século XVIII, percebe-se uma recuperação do Brasil, no tocante ao volume de açúcar exportado para o mercado internacional, sem haver grande elevação de preço, fato que só ocorrerá em 1860. Peter Eisenberg assegura este crescimento: “No início do século XIX as exportações de açúcar cresceram novamente e continuaram em ascensão até o início do século XX”.<sup>5</sup>

O século XIX foi marcado por transições e transformações sócio-econômicas no Brasil que repercutiram na economia açucareira do Nordeste e conseqüentemente do Rio Grande do Norte. O Brasil manteve uma economia açucareira baseada em seu passado colonial, com engenhos bangüês, agricultura extensiva e mão de obra escrava. Com isto, perdeu a posição de primeiro produtor mundial de açúcar.

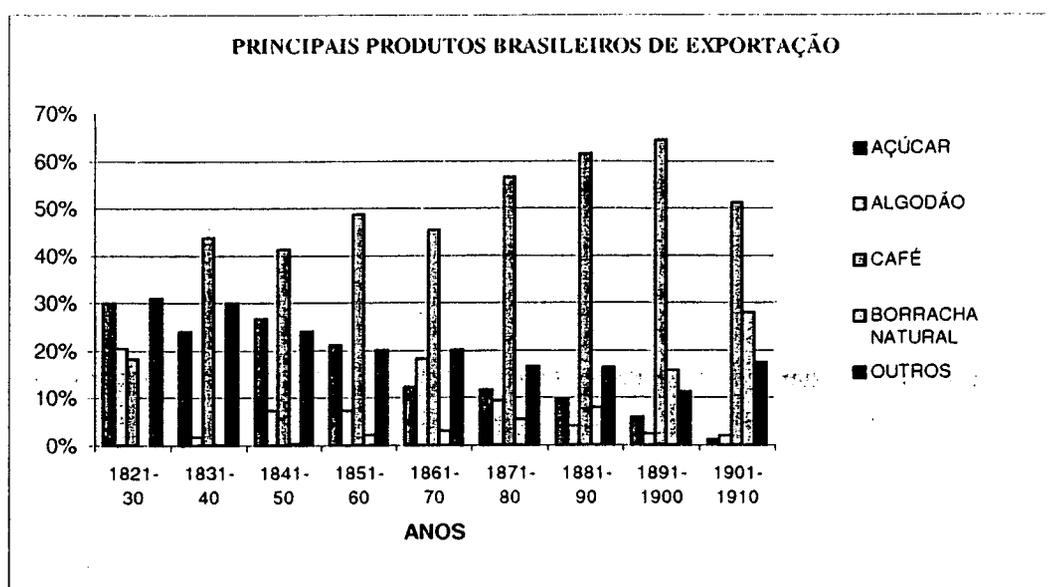
Em 1850 o Brasil era o terceiro maior produtor mundial de açúcar de cana, perdendo para Cuba e Estados Unidos. Uma nova crise do açúcar brasileiro se deu em virtude da concorrência com o açúcar de beterraba, que surge entre 1850-1860, com

<sup>4</sup> CARDOSO, op.cit. p. 123

<sup>5</sup> EISENBERG, Perter L. Modernização sem mudança, p 29

“técnicas industriais de rendimento muito superior aos nossos anacrônicos processos de vaporização e cozimento.”<sup>6</sup> para compensar a ausência do açúcar da cana, determinado pelo bloqueio continental de Napoleão. Além do atraso tecnológico diversos outros fatores implicaram no declínio do açúcar, tais como o trabalho escravo e o atraso da mentalidade dos proprietários da agroindústria açucareira do Brasil.

Devido à crescente concorrência de novos produtores, colocando no mercado externo açúcar de melhor qualidade, o açúcar brasileiro perde sua liderança nas exportações nacionais, sendo suplantado pelo café, conforme se depreende do gráfico seguinte:



Fonte: Adaptado de EISENBERG, Peter L. Modernização sem mudança.p.31

No século XIX, embora o café já superasse o açúcar após 1830 (como mostra o gráfico acima), o volume absoluto das exportações do açúcar “chegou a um nível de 500% acima do apogeu do ciclo do açúcar colonial”.<sup>7</sup>

A cultura algodoeira também cruzou caminhos com o açúcar, sempre presente como fator de peso na economia do Brasil, dividindo a terra com a produção da cana, chegando em algumas áreas a suplantá-lo. O algodão superou o açúcar nas exportações nas décadas de 1861-70 a 1901-10.

<sup>6</sup> SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e Morais. Nordeste, açúcar e poder, p. 59

<sup>7</sup> Ibid., p. 30

Cuba entra no mercado produtor cheio de vantagens em relação ao Brasil: fertilidade do solo para a cultura canavieira; a localização estratégica - próximo do mercado norte-americano e europeu, barateando o custo do transporte do açúcar; e financiamento com capitais estrangeiros. Essas vantagens podem ser observadas nestes dados: em 1860, 70% dos engenhos cubanos usavam máquinas a vapor, enquanto que em Pernambuco apenas 2% utilizavam essas máquinas,<sup>8</sup> evidenciando o descompasso tecnológico da agroindústria açucareira do Brasil.

Entre a produção de açúcar de cana brasileira e a cubana, no período de 1880 a 1915, há uma grande diferença.

ANOS	1880/1885	1885/1890	1890/1895	1895/1900	1900/1905	1905/1910	1910/1915
Brasil	100	75	90	80	110	110	150
Cuba	569	665	963	284	966	1.419	2.344

(1.000 tm – Int. Sugar Council)

Fonte: BRASIL/AÇÚCAR. Coleção canavieira, p. 166

Esse atraso na tecnologia dos engenhos brasileiro foi reflexo da proibição da existência de indústrias no Brasil, por decreto da rainha D. Maria I, mãe de D. João VI. Em conformidade com este decreto régio, a colônia deveria ser apenas fornecedora de matéria-prima. Somente com a transmigração da Corte portuguesa para o Brasil e à abertura dos Portos, este decreto foi revogado por D. João VI em abril de 1808. ~~O que aconteceu~~ <sup>aconteceu</sup> tardiamente, <sup>p</sup> por conseguinte, o Brasil retardou o seu desenvolvimento tecnológico, ficando à distância de seus concorrentes.<sup>9</sup>

Manuel Correia de Andrade afirma que a concorrência com o açúcar de beterraba estimulou os produtores de cana brasileiros a modernizarem a produção para poder continuar na concorrência<sup>10</sup> e manter o Brasil no mercado internacional de açúcar.

Para enfrentar a concorrência e queda dos preços, os produtores canavieiros investiram em novos equipamentos, modernizando seus engenhos e construindo ferrovias para o escoamento da produção, com o apoio do capital estrangeiro.

Na intenção de garantir a expansão da produção açucareira, mesmo com a perda de alguns compradores no mercado europeu, o Nordeste brasileiro buscou novos mercados,

<sup>8</sup> EISENBERG, op.cit., p. 238

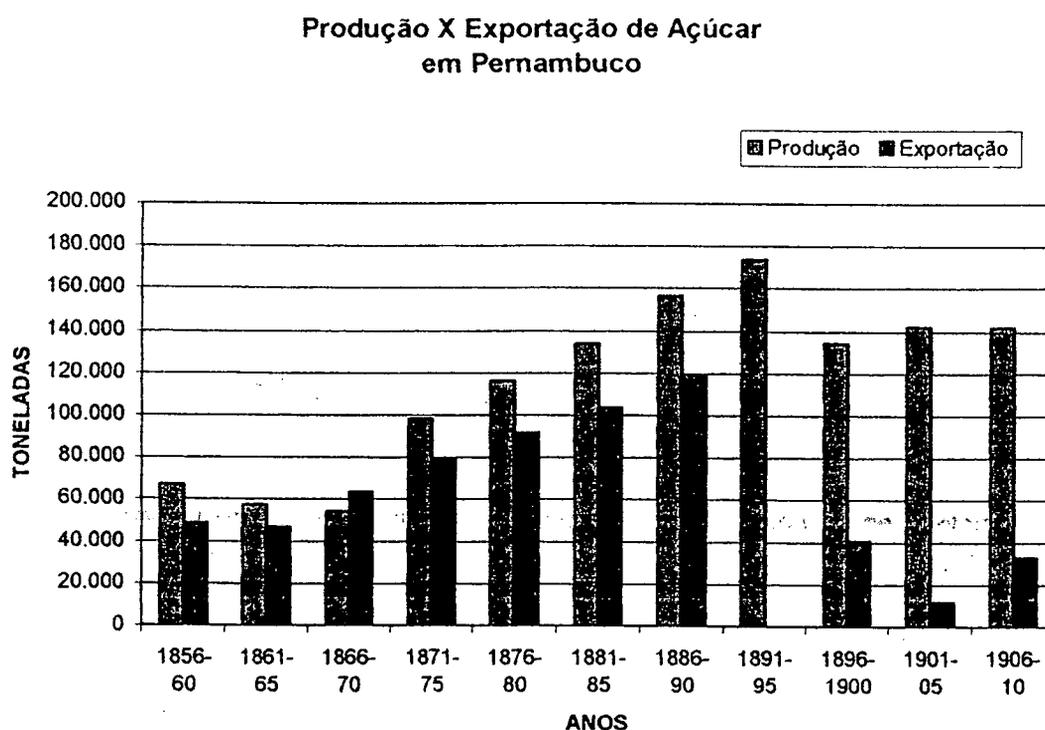
<sup>9</sup> BRASIL/AÇÚCAR. Coleção Canavieira n.8, p. 163

<sup>10</sup> ANDRADE, Manoel Correia de. História das usinas de Pernambuco. p. 15



para o escoamento de seu produto, dentre eles o interno.<sup>11</sup> Também foram construídas ferrovias para dissipar a produção, com apoio do capital estrangeiro.

No gráfico a seguir, podemos observar que, após o ano de 1870, há uma diferença entre a produção e a exportação de açúcar, apesar de crescerem juntas, até ocorrer uma queda acentuada nos dois últimos quinquênios do século XIX e o primeiro quinquênio do século XX.



OBS: Não há registro de exportação no período de 1891/95.

Fonte: Adaptado de GUIMARÃES NETO, Leonardo. Introdução à formação econômica do Nordeste, p.58

Em contrapartida, verifica-se no mesmo período um crescimento acentuado nas vendas para o mercado interno, sendo o principal responsável pelo consumo o Sudeste do país que absorve 66% do total das vendas.<sup>12</sup>

A introdução da cana de açúcar não deixa apenas marcas de prosperidade, mas um legado de conseqüências desastrosas.

*O canavial (...) entrou aqui [Brasil] como um conquistador em terras inimigas: matando árvore, secando o mato, afugentando e*

<sup>11</sup> GUIMARÃES NETO, Leonardo. Introdução à formação econômica do Nordeste. p. 34

<sup>12</sup> Ibid., p. 59

*destruindo animais e até os índios, querendo para si toda a força da terra. Só a cana devia rebentar gorda e triunfante do meio de toda essa ruína de vegetação virgem e de vida nativa esmagada pelo monocultor.*<sup>13</sup>

Dentre as diversas modificações ocorridas no Brasil, destacam-se as construções de ferrovias e a implantação de engenhos modernos para produção de açúcar do tipo cristal. Para isto o Governo Imperial subsidiou o capital estrangeiro, referente aos projetos de implantação de engenhos centrais nas áreas produtoras,<sup>14</sup> tendo Pernambuco ocupado o 1º lugar com maior parte dos recursos, enquanto o Rio Grande do Norte ficou em 6º lugar.

#### Distribuição dos Fundos dos decretos Imperiais que subsidiaram os Engenhos Centrais

O governo imperial incentivou a produção canavieira firmando o decreto 8.357 de 24/12/1881, que assim reza: *os concessionários teriam direitos de expropriação para facilitar o transporte da cana, isenção de impostos de importação e preferência no uso e aquisição de terras públicas.*<sup>15</sup> Houve a distribuição de 30 mil contos, para a economia açucareira, sendo Pernambuco o maior beneficiado. Ver tabela ao lado.

PROVÍNCIAS	Capital garantido		
	1881	1888	1889
Pernambuco	8.000	7.500	6.400
Bahia	6.100	6.000	6.100
Rio de Janeiro	5.600	5.000	5.000
Sergipe	2.000	3.000	2.275
São Paulo	1.900	1.900	2.000
Rio Grande do Norte	1.500	1.400	1.000
Alagoas	1.200	1.200	2.275
Paraíba	700	900	1.150
Ceará	700	400	400
Maranhão	700	1.500	1.550
Pará	700	400	400
E. Santo	500	400	400
Município Neutro	400	300	
Minas Gerais		100	900
<b>Total</b>	<b>30.000</b>	<b>30.000</b>	<b>30.000*</b>

\*Erros tipográficos, presumivelmente, são responsáveis pelos 150 contos que faltam, na 3ª coluna do Município Neutro.

FONTE: EISENBERG. P., Modernização sem mudança, p. 115

O tipo de cana de açúcar predominante em Pernambuco era a cana crioula, que perdurou por quase 250 anos, desde o século XVI até o início do século XIX, quando foi

<sup>13</sup> FREYRE Gilberto. Nordeste. p. 73

<sup>14</sup> ANDRADE. Manuel Correia de. Historia das usinas de Pernambuco. p. 15

<sup>15</sup> EISENBERG., op.cit. p. 114

introduzida a cana caiana<sup>16</sup> pelos portugueses, quando ocuparam a Guiana Francesa. Os produtores passam a procurar variedades de canas que pudessem render maior produtividade, pois esta era baixa. Havia a ausência de uma política agrícola que melhorasse a variedade cultivada, como também o descaso com o solo e as pragas, ~~foram~~ fatores causadores de queda da produtividade nos canaviais.<sup>17</sup>

Com o surgimento dos engenhos, desenvolveu-se uma sociedade patriarcal, onde o senhor de engenho figurava no topo da pirâmide social e detinha o domínio sobre os demais componentes da sociedade.

*A sociedade açucareira era, na verdade, muito elitista e concentradora de renda nas mãos de uma oligarquia que se auto-intitulava de "nobreza da terra", formada por pessoas ligadas a algumas famílias entre si, em contraste com uma grande massa de escravos e de libertos, completamente expropriados de bens, e um pequeno grupo intermediário.*<sup>18</sup>

O prestígio e a influência política sempre estiveram associados aos grandes proprietários rurais, principalmente os senhores de engenhos que monopolizavam os cargos políticos locais.<sup>19</sup> O que acabou por prejudicar o desenvolvimento de determinadas áreas, visto que

*a hegemonia dos senhores de engenho, associados à burguesia comercial e ao aparelho estatal metropolitano, impediu que a região diversificasse a sua produção, configurando-lhe caráter essencialmente monocultor e tornando-as profundamente dependente das oscilações da conjuntura externa*<sup>20</sup>.

O número de engenhos foi crescente de 1540 até meados do século XIX, por ser a atividade açucareira tão promissora, que se tornou o investimento preferido em Pernambuco, apesar das crises periódicas afetando as exportações, <sup>e</sup> A ponto de, no período

<sup>16</sup> O governo português enviou a variedade de cana com o nome de Otaiti ou Bourbon (passou a ser conhecida por Caiana, devido a Caiena – capital da Guiana Francesa), que era cultivada na Guiana Francesa para o jardim Botânico de Olinda (PE), sendo reproduzida e distribuída para os demais senhores de engenho do Brasil. EISENBERG., p. 59

<sup>17</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. op. cit., p. 14

<sup>18</sup> Ibid., p. 13

<sup>19</sup> EISENBERG. op. cit., p. 243

<sup>20</sup> SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e Morais. Nordeste, Açúcar e Poder, p. 67

da implantação de engenhos centrais, o número ser superior a 3.500 engenhos, apenas em Pernambuco.<sup>21</sup>

Para o bom funcionamento de um engenho bangüê, deveria existir, no mínimo, 40 escravos para a produção do açúcar. Sendo que os grandes proprietários mantinham de 100 a 150 escravos, chegando até a 300 negros.

O trabalho escravo fora predominante na cultura canavieira. Com o movimento abolicionista foi havendo uma substituição gradual do negro pelo trabalhador livre. A partir dos meados do século XIX, estas leis promoveram a abolição da escravatura. Lei Eusébio de Queiroz 1850 que proíbe o <sup>comercio</sup> tráfico internacional; Lei do Ventre Livre (28/09/1871), que declara livre todas as crianças nascidas a partir daquela data; Lei dos Sexagenários (28/09/1885), que declara livre os maiores de 60 anos; Lei Áurea (13/05/1888), que põe fim à escravidão. O Brasil foi o último país do continente americano a acabar com o regime do trabalho escravo.

Dezesseis anos antes da abolição da escravatura, os trabalhadores livres superavam os escravos, nas mais diversas funções. Sendo muitos desses trabalhadores livres, antigos escravos que, mesmo libertos, permaneceram na área açucareira.

Os trabalhadores livres podiam ser divididos em três grupos: a) agregados, que recebiam um lote para construir sua moradia e plantar, protegido pelo dono da terra, mas em troca este morador pagava por isto, com parcela de sua colheita; b) os assalariados, que recebiam diárias, sendo mais baratos que os escravos e geralmente trabalhavam nos meses da colheita (setembro a março); c) o terceiro grupo, menos numeroso, era dos rendeiros em parceria (arrendamento), onde o lavrador recebia um lote de terra para o cultivo da cana. Era o lavrador quem plantava, cultivava, cortava e transportava a cana para o engenho no período determinado pelo proprietário. Ao final da safra ficava devendo-lhe metade da própria safra de cana ou outros produtos residuais.<sup>22</sup>

Em 1870, tem início a era da modernização dos engenhos, com a introdução de máquinas a vapor, caldeiras a vácuo e centrífugas. A primeira máquina a vapor da América do Sul foi fabricada no Recife em 1829.<sup>23</sup>

A modernização da agroindústria açucareira com os engenhos centrais, logo substituídos pelas usinas de açúcar, nos fins do século XIX, não impediram por meio

<sup>21</sup> ANDRADE, Manuel de. op. cit., p.10

<sup>22</sup> EISENBERG. op. cit, 201-209

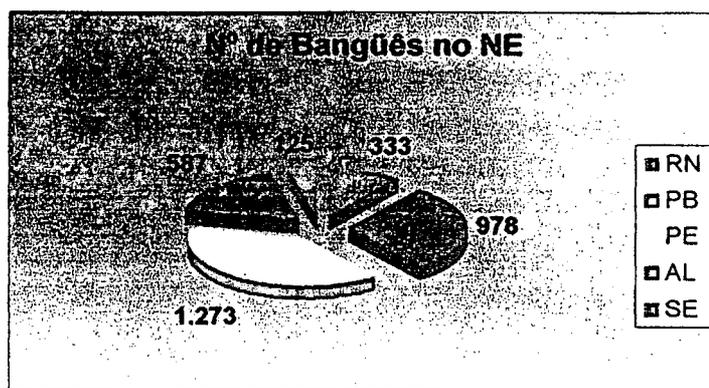
<sup>23</sup> Ibid., p. 65

século, a partir de 1890, o declínio da média anual das exportações brasileiras de açúcar. *A quota de exportação do Brasil fixada na conferência Internacional de Londres (1973), será apenas de 1,6%.*<sup>24</sup>

Apesar de Pernambuco, reinar como maior produtor nacional, o maior número das usinas irá se formar em Sergipe. Apesar disto, sua produção será 8 vezes menor que a pernambucana, o que implica afirmar que, em Pernambuco, as usinas eram de maior porte e sua produção contava ainda com um grande número de bangüês.

No período da Primeira Grande Guerra, há uma alta no preço do açúcar, devido a desorganização da indústria de açúcar de beterraba, estimulando a formação de novas usinas e aperfeiçoando a capacidade das existente.<sup>25</sup>

O gráfico seguinte indica o grande número de bangüês em funcionamento no Nordeste no ano de 1934:



Fonte: Adaptado Gileno de Carli, *Açúcar na formação econômica do Brasil* p. 72

Em meio a períodos de prosperidade e crise na economia açucareira, mesmo com a substituição dos engenhos bangüês pelas usinas, com a modernização sem mudanças substanciais, continuaram existindo os engenhos de açúcar, aguardente e rapadura, no século XX, a exemplo dos engenhos do Vale do Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte.

<sup>24</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *Historia Econômica do Brasil*, p. 244

<sup>25</sup> ANDRADE, Manuel Correia. *A terra e o homem no NE*, p. 92-93.

### 3. A CULTURA CANAVIEIRA NO VALE DO CEARÁ-MIRIM

#### 3.1 Origem e importância do Vale

Ceará-Mirim absorveu grande parte das características históricas, sociais e econômicas dos centros que surgiram na época esplendorosa da cana-de-açúcar. Baseada na agroindústria açucareira, na época do Brasil Império, esta cidade viu brilhar na vila e depois cidade “*uma aristocracia canavieira formando uma sociedade de escravocrata de senhores de engenho, fidalgos e tituladores do Império, como os coronéis, os barões.*”<sup>26</sup>

A importância do Vale remonta ao período colonial, pois, mesmo sem engenhos de açúcar, serviu de via “*da mais intensa penetração do território.*”<sup>27</sup>

Isso não quer dizer que não se tinha conhecimento do vale como propício para a cultura canavieira. O Vale do Ceará-Mirim era conhecido pelos colonizadores, haja vista que Alexandre de Moura, governador de Pernambuco, encarregou o paraibano Jerônimo Mateus (mestre de engenho), e a dois moradores do Rio Grande de percorrerem as terras do vale com a finalidade de verificar se havia terras para produção de cana como também para construção de engenhos de açúcar movidos a água e a bois. No relatório o mestre informou que a terra propícia para a cana seria a que não está alagada (na várzea enxuta) e que para construção de engenho deveria “*subir ao nascimento e tirar-lhe o nível para se saber se tinha altura para engenho*”.<sup>28</sup> Verificou-se que o rio corria da nascente à foz em nível baixo impróprio para queda d’água.

No vale não há notícias de engenhos d’água, apenas os trapiches movidos a tração animal e mais tarde a vapor, como deixa claro Nilo Pereira: “*Esses engenhos começaram logo a tração animal e não pela força tão regionalmente típica da água, pois o rio Ceará-Mirim é temporário.*”<sup>29</sup>

Este vale possuía as condições favoráveis para uma boa produção açucareira: clima e o solo propício (massapê), pluviosidade adequada, água da bacia do rio Ceará-Mirim, vastidão de terra e lenha (para fornalha). Contudo o surgimento dos engenhos neste Vale só aconteceu aproximadamente em 1845.

<sup>26</sup> SENNA, Julio. Apud ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. Condições do trabalho e migração –Um estudo de caso da Região açucareira do Vale do Ceará-Mirim.p.31

<sup>27</sup> ANDRADE, Gilberto Osório. Os rios de açúcar do Nordeste. p. 31

<sup>28</sup> CASCUDO, L.C Apud. ANDRADE Ilza Araújo Leão de. op. cit., p. 40

<sup>29</sup> PEREIRA, Nilo. Evocação do Ceará-Mirim, p. 49

Para Gilberto Osório, o retardamento no desenvolvimento da agroindústria canavieira no Vale deve-se, em parte, à forte concorrência exercida pela pecuária na região, principalmente durante a ocupação holandesa.<sup>30</sup> O que se percebe é que, durante diversos anos, a pecuária dominou a vida colonial da província potiguar com predomínio de vaqueiros e pequenos agricultores.

A maioria dos historiadores defende que foram os colonizadores pernambucanos que trouxeram a cana-de-açúcar para o Rio Grande do Norte. Porém Julio Senna acrescenta: “*julga-se que foi dos campos de Ferreiro-Torto que os indígenas trouxeram a cana para Uruaçu e daí para o vale do Mudo, na altura de Jacoca, centro agrícola indígena remotíssimo*”,<sup>31</sup> ou ainda via Muriú, que a cana alcançou o Vale<sup>32</sup>.

Em todo o período colonial, poucos engenhos vão se destacar na capitania o de Cunhaú, o de Ferreiro Torto, o Putigi, enquanto o vale do Ceará-Mirim continuava inexplorado com a cana-de-açúcar. Assim se reporta o Diário de Pernambuco a respeito do retardamento do vale:

*O vale do Ceará-Mirim foi o último a ser atingido pela cana-de-açúcar, em sua marcha colonizadora de sul para norte, à partir da várzea do Capibaribe. O clima e o solo daquele curso de água norte-rio-grandense, permitiram, ali, estabelecimento de agro-indústria característica da planície costeira do Nordeste.*<sup>33</sup>

A seca sempre fora a grande vilã da economia do Nordeste como um todo, mas será esta que promoverá a cultura canavieira no Vale do Ceará-Mirim, como afirma Denise Monteiro:

*A seca de 1845 impulsionou a agricultura na faixa litorânea da província, uma vez que esta era menos sujeita aos efeitos da falta ou da irregularidade das chuvas. Assim, o tradicional cultivo da cana-de-açúcar cresceu e o número de engenhos açucareiros do Rio Grande do Norte quadruplicou.*

*Essa expansão da produção de açúcar implicou no estabelecimento de canaviais e engenhos numa área que se tornaria, a partir desse período, caracteristicamente canavieira – o Vale do*

<sup>30</sup> ANDRADE, Gilberto Osório. Os rios de açúcar do Nordeste., p28

<sup>31</sup> SENNA, Julio Ceará Mirim. V.2, p.261

<sup>32</sup> Ibid., p.266

<sup>33</sup> Diário de Pernambuco de 24/05/1960 apud. PEREIRA, Nilo, Imagens do Ceará-Mirim, p. 131

*rio Ceará-Mirim. A lavoura da cana, até então restrita à faixa litorânea ao sul de Natal, estendeu-se, portanto, para o norte e a província passou a exportar açúcar em quantidades crescentes.*<sup>34</sup> [grifo nosso].

Foi a seca de 1845, a responsável pela crise da pecuária, dizimando grande parte do rebanho bovino, na província. Neste mesmo período há uma conjuntura do comércio internacional do açúcar, favorável ao açúcar brasileiro, incentivando a expansão canavieira, para o Vale do Ceará-Mirim

*em consequência da recessão do mercado mundial do produto das espanholas ilhas da América Central (Cuba e Haiti, São Domingos, Costa Rica, etc.) então os maiores produtores de açúcar, em razão dos movimentos políticos de independência nas regiões da América do Norte e Central. Foi por isso que, os nossos dois vales pequenos, o de Ceará-Mirim e o de Caipó (São José de Mipibu, Nísia Floresta, Goianinha e Canguaretama), multiplicaram suas fontes de produção num crescente número de Engenhos e Bangüês.*<sup>35</sup> [com o apoio governamental].

Em pouco tempo a produção açucareira do Ceará-Mirim superou outras áreas produtoras na província. Em 1860, o Ceará-Mirim já contava com “44 engenhos, exercendo então a supremacia produtiva na indústria de açúcar – 91.000 arrobas anuais, quando o segundo colocado, Papari, tinha uma produção de 75.000.”<sup>36</sup>

Esta grande prosperidade da produção de açúcar foi responsável pela transferência da Sede Municipal da Vila de Extremoz, <sup>vale</sup> pela Vila de Ceará-Mirim, antes denominada Boca da Mata (1855). E em junho de 1882 o presidente Francisco de Gouveia Cunha Barreto sancionou a Lei nº 837, transformando-a em Cidade.<sup>37</sup>

Já em meados do século XIX, foi detectada pelo presidente da província a importância do município de Ceará-Mirim, que em visita considerou “o mais produtivo e rico terreno da província.”<sup>38</sup> Nesse mesmo período a província torna-se auto-suficiente na

<sup>34</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. Introdução à História do Rio Grande do Norte, p. 129

<sup>35</sup> MEDEIROS, Tarcísio. O Negro Escravo: Da etnia à abolição e os remanescentes de sua aculturação no Rio Grande do Norte. Revista de História/UFRN. n.2. p.52.

<sup>36</sup> ANDRADE Ilza Araújo Leão de. op. cit., p. 41-42

<sup>37</sup> PEREIRA, Nilo. Imagens do Ceará-Mirim, p. 106

<sup>38</sup> Diário de Pernambuco 24/05/1860 apud PEREIRA, Nilo, Imagens do Ceará-Mirim, p. 131

produção de açúcar, não sendo mais necessário à importação do produto pernambucano.<sup>39</sup> Nestor Lima acrescenta: “*O rio Ceará-Mirim tem fertilidade semelhante à do Nilo, safrejava-se assucar crystal, demerara e bruto.*”<sup>40</sup>

O açúcar foi o grande responsável pelo progresso de Ceará-Mirim, ressaltando que em 1877, a Vila tinha a feira mais importante da província.<sup>41</sup> Esta Feira, em 1881, foi transferida para o Mercado Público, construído pelo coronel Onofre José Soares, dando-lhe o direito de explorá-lo por vinte anos, provocando recusa dos comerciantes locais.

*O dia de feira era tão importante para o cearamirinense de qualquer categoria, como os domingos e dias santos ou feriados. (...) Não havia ocupação por mais forçada, que fizesse o senhor de engenho ou o lavrador deixar de comparecer à feira.*<sup>42</sup>

De 1884 a 1910, Ceará-Mirim chegou a ser um dos mais importantes municípios potiguares, produzindo 60% do açúcar de todo o Estado,<sup>43</sup> embora apenas ¼ do Vale destinava-se a cultura canavieira. De acordo com o recenseamento de 1920, o município de maior população, depois de Natal, era Ceará-Mirim,<sup>44</sup> superando Mossoró.

Para Nilo Pereira, as tradições da economia rural e da sociedade patriarcal do Ceará-Mirim em nada deixam a desejar se comparada aos velhos engenhos de Pernambuco.<sup>45</sup> Filhos de senhores de engenho estudaram na Europa, de onde surgiram diversos médicos e advogados que se destacaram na província.

Rocha Pombo assim define a ascensão canavieira após a Independência: “*O assucar se tornou uma verdadeira grande indústria, base de toda a economia interna da ex-província durante muito tempo.*”<sup>46</sup> O açúcar era tão valorizado que não se dizia açúcar bruto, nos engenhos, chamava-se açúcar preto. “*Açúcar bruto! Bruto é quem chama aquilo de bruto!*” reclamava Damião (mestre-de-açúcar) do Engenho Oiteiro.”<sup>47</sup>

<sup>39</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História do Rio Grande do Norte, p. 384

<sup>40</sup> LIMA, Nestor. Os municípios do Rio Grande do Norte, p. 360

<sup>41</sup> NOBRE Manoel Ferreira, Breve notícias sobre a província do Rio Grande do Norte, p. 192

<sup>42</sup> PEREIRA, Maria Madalena Antunes, Oiteiro, p. 139

<sup>43</sup> ANDRADE, Gilberto Osório de. Os rios de açúcar do Nordeste.p. 35

<sup>44</sup> SENNA, Julio. op. cit. v.II, p.271

<sup>45</sup> PEREIRA, Nilo, Imagens do Ceará-Mirim., p. 38

<sup>46</sup> POMBO., Rocha. História do Rio Grande do Norte., p. 360

<sup>47</sup> CASCUDO, Luís da Câmara . Sociologia do açúcar. p.72

A importância do açúcar ostentava luxos, muitas vezes desnecessários, promovendo cenas pitorescas, como conta Cascudo:

*Xandu Varela [filho do Barão de Ceará-Mirim], quando o Bispo D. José Pereira da Silva Barros visitou o Ceará-Mirim, agosto de 1882, ofereceu sua caleça<sup>48</sup> forrada de seda escarlata e fardou o negro "Antônio de Gangorra" com tal luxo que o povilheu beijava a mão enluvada do boleeiro, julgando-o ser o prelado."<sup>49</sup>*

Cascudo continua descrevendo o mesmo Xandu, filho do Barão, que se chamava Alexandre Varela do Nascimento (1848-1892), herdeiro da propriedade do Engenho S. Francisco:

*Com a ornamental casa-grande que ainda resiste, Capela e Cemitério privativos, onde dormem todos. Foi o mais suntuoso Senhor de Engenho do vale, então povoado de fortunas. Possuía um serviço de chá Wedgwood, raro no Brasil imperial. Vestia-se como se fôsse beijar a mão da Imperatriz. A caleça, vinda de Paris, tirada pela parelha de cavalos brancos, era a única na Província. Casado, sem filhos. Raro sorriso. Recebia os amigos como príncipes. Mandou vir da Europa um grande realejo mecânico que fazia bailar uma multidão de bonecos.<sup>50</sup>*



De acordo com os diversos autores já citados, a produção açucareira no Rio Grande do Norte vai se consolidar na segunda metade do século XIX, com a introdução do vale do Ceará-Mirim no mercado açucareiro. Por esse tempo a receita da província sobe na mesma proporção.

ANOS	Receita do Estado (Contos de Reis)
1853-1854	76.742\$142
1854-1855	95.296\$973
1855-1856	121.341\$588
1856-1857	136.436\$103
1857-1858	186.442\$000
1858-1859	239.597\$000

Fonte: POMBO.Rocha. Historia do RN p. 369

ANOS	Produção de Açúcar no RN ARROBAS (DE 15 KG)
1847	11.304
1851	35.511
1854	80.749
1859	350.000
1861	700.000

Fonte: POMBO.Rocha. Historia do RN, p.361

<sup>48</sup> Carruagem de quatro rodas e dois assentos, puxada por uma parelha de cavalos. HOLANDA, Aurélio Dicionário eletrônico, 1999

<sup>49</sup> CASCUDO, op.cit. p. 72

<sup>50</sup> Ibid., p.72

Vale salientar que esta produção acima relacionada refere-se apenas ao açúcar escoado pelo porto de Natal, ficando de fora a produção que saiu por outras vias. Pelo porto dos Guarapes, na época de Fabrício Gomes Pedroza (1859), havia exportação direta para a Europa de açúcar e algodão.<sup>51</sup>

*A beira do Potengi (...), uma fila de armazéns recebia o algodão do Seridó, via Macaíba e o açúcar do Ceará-Mirim, via São Gonçalo.[Quase todo o açúcar produzido na província] era vendido em Guarapes e embarcado para a Inglaterra diretamente.*<sup>52</sup>

### Exportação no Rio Grande do Norte no período de 1890

#### TABELA EM QUILOS

PRODUTOS	PORTOS				TOTAL
	Natal	Canguaretama	Macau	Mossoró	
Açúcar	13.287.267	686.750	-	-	13.974.017
Algodão	11.190.567	15.610	238.235	1.026.505	12.470.917
Sal	-	12.000	46.656.794	12.914.176	59.582.970
Couro Salgado	68.564	4.531	22.638	25.608	121.341
	24.546.398	718.891	46.917.667	13.966.289	86.149.245

Fonte: SANTOS, Paulo Pereira dos. Evolução econômica do RN, p. 102

No primeiro ano da República, o sal será o produto que alcançará o maior índice na exportação, seguido do açúcar, conforme exposto na tabela acima.

Aproximadamente em 1860, em virtude da guerra de Secessão (Norte X Sul dos EUA) quando a produção americana se desestrutura, cortando o abastecimento para a indústria têxtil européia, aconteceu a crise denominada “cotton hunger”.<sup>53</sup> Este fato favoreceu de tal modo a produção algodoeira do Rio Grande do Norte, que nesse momento o algodão consegue superar o açúcar. Vários agricultores aderiram ao plantio, pela facilidade do cultivo e devido a alta dos preços.<sup>54</sup> Além do mais, a cultura do algodão não era tão exigente com solo e pluviosidade como o açúcar, e pode penetrar pelo agreste e sertão potiguar, a exemplo do sertão do Seridó.

<sup>51</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História do Rio Grande do Norte, p.179

<sup>52</sup> Idem. História de Cidade do Natal, p. 242

<sup>53</sup> A'ROCOZ, I.I. L. Ensaio sobre a história econômica do RN, p. 26

<sup>54</sup> CASCUDO, op.cit. p.46

O incentivo que faltou à produção canavieira, sobrou na cotonicultura, principalmente no governo de José Augusto de Medeiros, seridoense (1924-1928), que se preocupou basicamente com os produtos de sua região, principalmente o algodão. Neste discurso, verifica-se a preocupação com a cotonicultura:

*Foi por isso que quando exerci a administração da minha terra, encarei de frente as necessidades fundamentais da preciosa riqueza, no cumprimento de cujo programa decretei a criação do Serviço Estadual do Algodão, visando o desenvolvimento da cultura algodoeira*<sup>55</sup>.

No Seridó, podia-se encontrar algodão de melhor qualidade (mocó) e em grande quantidade, visto que, “o algodão do Seridó é perene, é arbóreo e resiste às mais prolongadas estiagens.”<sup>56</sup> Além disso, o algodão encontrou excelente adaptação nas terras potiguares. Ao invés de ofuscar a pecuária, foi fator de garantia para a criação de gado, pelo fato de sua rama e semente servirem como alimentação do rebanho. Podendo também se cultivar o milho, o feijão e a fava em conjunto com a cotonicultura.<sup>57</sup>

O algodão passou por fases de fastígios e declínios no Rio Grande do Norte, sendo de grande relevância para a economia do Estado. Era um produto de fácil cultivo, podendo ser produzido tanto nas grandes, como pequenas propriedades e que não necessitava de grandes investimentos, o que fez diversos senhores de engenhos abandonarem a cultura da cana pela cotonicultura.

No jornal “A República” o senhor Milton Varella, representante dos bangueseiros do Rio Grande do Norte, descreve a situação do quadro econômico açucareiro no Estado, no relatório por ele apresentado ao Instituto do Açúcar e do Alcool do Rio de Janeiro:

*O Rio Grande do Norte é a terra pequenina e longínqua cuja agricultura, constituída apenas pelo algodão e pela canna de assucar, se debate angustiosamente entre o flagello das seccas, de um lado, e a falta absoluta de credito rural, do oütro, para só fallar nos dois factores primordiais do seu atraso.*

*O Estado deve contar cerca de cem bangüês a vapor, que fabricam o assucar mascavo, regionalmente chamado – bruto –*

<sup>55</sup> MEDEIROS, José Augusto. O sal e o algodão na economia potiguar, p. 26

<sup>56</sup> Ibid., p. 61

<sup>57</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. A produção no espaço norte-rio-grandense, p.27

*muito dos quaes, conforme as conveniências do mercado, também se dão ao fabrico da rapadura, concomitantemente.(...) Não bem maior existe, entretanto, de propriedades cujo resutado não permite aos seus donos montagem de machina a vapor.(...) Fabricam esses proprietários, pelo primitivo systema denominado almanjarra, movido a força animal, exclusivamente a rapadura, a maioria deles unicamente para o seu consumo próprio (...). Desses bangüês, 35 acham-se situados no município de Ceará-Mirim, o mais populoso, depois da capital, o mais rico dos Valles do Estado na especialidade dessa cultura, que abrange uma extensão de cerca de vinte e quatro kilometros por um, até dois, de largura.<sup>58</sup>*

Existe uma certa discussão sobre qual seria a economia que mais sobressaiu no Rio Grande do Norte. O açúcar e o algodão foram constantes na vida econômica do Estado e se destacaram como elementos principais desta economia. Assim como a pecuária, o sal, a carnaúba e diversos outros produtos que tiveram seus dias de glória. Mas o que fica óbvio é que, nas proximidades do Vale do Ceará-Mirim, o grande intercessor da economia e fisionomia fora o açúcar.

Em contraposição ~~com~~<sup>o</sup> o crescimento canavieiro, houve o desmatamento, que se deu tanto para o plantio, quanto para manter acesa as chamas do fabrico canavieiro, estas são as leis do progresso do açúcar. O combustível principal para a obtenção do açúcar fora a lenha. Sendo cada engenho consumidor em baixa-média de 2000 m<sup>3</sup>, por safra (anual).<sup>59</sup> Isso provocou uma perda irrecuperável. Sem falar nas madeiras utilizadas para construções de estradas de ferro, de outras industriais existentes pelo Vale e do próprio consumo residencial, que neste período era basicamente “fogões a lenha”. Este desmatamento desordenado resultou na escassez da madeira, tornando-a onerosa, sendo necessária sua substituição pelo bagaço de cana.

Inúmeros são os fatores que ocasionaram o declínio da indústria açucareira: a insuficiência dos engenhos e de sua fabricação, gerado pelo atraso tecnológico; queda de preço, no mercado internacional e as enchentes do rio Ceará-Mirim, que, por limitações de recursos na província, não teve como sanar este problema. Não fosse isto suficiente, o interesse pela cultura do algodão, com todas as facilidades acima citadas.

<sup>58</sup> A REPÚBLICA, 17/08/1935

<sup>59</sup> SENNA, Julio Gomes de v. 1 p. 261

## 4. O ENGENHO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO VALE

### 4.1 Origem e desenvolvimento dos engenhos

Diversos são os significados da palavra, usaremos aqui engenho para designar um conglomerado de casas, plantio, fábricas, cada qual com uma finalidade específica, voltada para o fabrico de produtos derivados da cana, notadamente o açúcar. Engenho de açúcar é um estabelecimento agro-industrial destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar. Constituído de Casa grande, senzala, casa de farinha, casa de purgar, bueiro ou chaminé, olheiro, bagaço (combustível), capela, canavial.

Os engenhos de cana-de-açúcar, de um modo geral, surgiram na faixa litorânea do Brasil Colonial, por uma imposição do mercado consumidor externo, além de outros fatores como a resistência indígena e a dificuldades de transporte, na interiorização desta economia.<sup>60</sup>

No Vale do Ceará-Mirim, situado na zona litorânea, não poderia ser diferente. Os engenhos margeiam o rio também chamado Ceará-Mirim ou situa-se à margem de estradas carroçáveis ou das águas correntes.

Alguns autores defendem a data de 1843, como início da indústria açucareira, quando Ceará-Mirim pertencia à Vila de Extremoz, por ser neste período que foi instalada a primeira moenda de ferro-horizontal no Engenho Carnaubal, aumentando a capacitação de extração do suco de cana e conseqüentemente a produtividade. Depois veio a indústria de aguardente, em alambique de barro substituído por destilarias de cobre.<sup>61</sup>

Para Cascudo foi a partir de 1845

*que o vale ganhou seus primeiros engenhos de açúcar, seus bangüês iniciais, engenhos de bestas, de cavalos e depois de boi, o boi era, maciço e resistente na viagem intermitável e circular da moenda que esmagava os rolos de cana-de-açúcar, espirrando a esmeralda de caldo, escorrendo, perfumado e convidativo para o paiol. De 1845 em diante incentiva-se a cultura da cana-de-açúcar e nos vales úmidos se espalha o cheiro do mel de engenho, cheiro penetrante e gostoso, infiltrante e que fica permanentemente na memória olfativa de quem nasceu e se criou ao derredor das tachas borbulhantes, da fomalha insaciável, dando cambalhotas na bagaceira, fornecedoura*

<sup>60</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. História das usinas de açúcar de Pernambuco.p.10

<sup>61</sup> SENNA, Júlio Gomes de. Ceará-Mirim, v.2, p. 154

*parcial do combustível levado pelos couros de bois, arrastadas como trenós, largando o odor inconfundível.*<sup>62</sup>

A sociedade canaveira surge com uma estrutura rígida, com estamentos sociais e grupos bem definidos, onde no topo da pirâmide social encontrava-se o Senhor de Engenho, misto de agricultor e industrial, que dispunha de um poder político típico da sociedade patriarcal. Geralmente exercendo cargos políticos. Vale salientar que o Barão do Ceará-Mirim – Manoel Varela (senhor do engenho S. Francisco), recusou assumir a presidência da província em 1868, apesar de ser político (deputado, presidente da Câmara Municipal de Extremoz), preferindo ficar na sua região.

Outros proprietários de engenhos ou ligados na área canaveira se destacaram: Cel. Felismino Dantas, do engenho União, foi Presidente da Intendência e Deputado Estadual; o advogado Augusto Meira, herdeiro do engenho Diamante, foi Deputado da Câmara Geral e Presidente da Província do Pará e do Rio Grande do Norte; Onofre Soares Júnior, destacou-se na política local; dentre muitos outros.

Não se pode falar em cana-de-açúcar, em engenho sem citar o principal responsável pela mão-de-obra: o negro escravo. Apesar de que o negro não fora uma determinante na província. De acordo com a historiografia local, os negros não eram importados da África, o mercado fornecedor era Pernambuco, sendo difícil a sua obtenção em virtude da concorrência pernambucana (maior produtor) que necessitava dos mesmos.

Um caso particular, que se encontra na historiografia de Ceará-Mirim, sobre os senhores de engenho que, de um modo geral, maltravam os escravos, neste município foge à regra, como cita Cascudo:

*O mau-senhor era vilipendiado pelos vizinhos, impopular e de relações evitadas. Esse repúdio denunciava a exceção malvada. Entre oitenta senhores de Engenhos no vale do Ceará-Mirim excluía da simpatia um único, ainda hoje lembrado com rancor. Não constituiria média social nem padrão de comportamento. Os senhores severos e rigorosos, exigentes e teimosos, como o coronel Inácio de Belém, tinha ângulos comoventes. Esse Inácio de Albuquerque Maranhão jamais castigou os escravos ladrões do Engenho, vendendo em Papary ou S. José de Mipibu o açúcar furtado do depósito. Ao delator serviçal, respondia num regougo: - "Furtam o que é deles!" (...) O coronel Miguel Ribeiro Dantas, do*

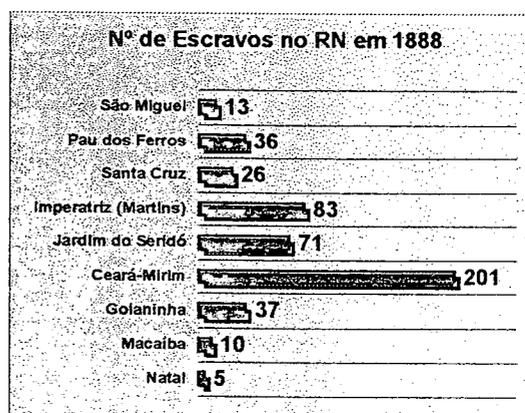
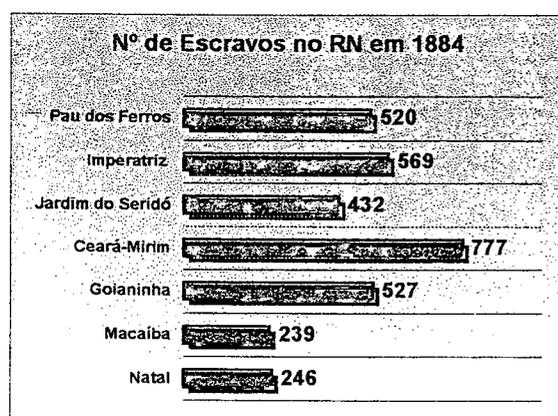
<sup>62</sup> CASCUDO, apud, ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. op. cit., p. 41

*Diamante,<sup>63</sup> sentavam escravos à mesa senhorial, mesmo em dia de festa.<sup>64</sup>*

O desenvolvimento açucareiro no vale tem início no auge da repressão ao tráfico negreiro com a lei Eusébio de Queiroz (14/11/1850), assinada pelo ministro da Justiça Eusébio de Queiroz.

Na província potiguar, o número de negros sempre foi reduzido se comparado a outras com produção açucareira. No Vale do Ceará-Mirim, no início de seu desenvolvimento açucareiro, este número ainda conseguiu ser o mais baixo, se comparado com outras microrregiões açucareira. Enquanto São José do Mipibú, no ano de 1855 possuía 9.816 escravos, Extremoz (depois Ceará-Mirim) possuía 1.126. Visto que, a predominância da economia do Rio Grande do Norte, baseava-se na pecuária e cotonicultura, o que não se fazia necessário um grande número de escravos. Com essa escassez de negros na província o escravo tinha um custo muito elevado, sendo difícil adquiri-lo. Este é um dos fatores que fizeram os trabalhadores livres, maioria desde 1859.<sup>65</sup>

Interessante observar que na medida em que decresce o número de escravos, sobretudo, na proximidade do movimento abolicionista, Ceará-Mirim destaca-se em número de escravos, provavelmente devido sua necessidade, na economia açucareira, como fica perceptível na tabela seguinte:



Fonte: Adaptado de CASCUDO, Luís da Câmara. História do RN, p. 189

<sup>63</sup> Diamante era o nome de um dos engenhos de Ceará-Mirim.

<sup>64</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. Sociologia do açúcar, p. 78/79.

<sup>65</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História do Rio Grande do Norte, p.46

Júlio Senna divide as atividades rurais em dois grupos na fase Imperial-Republicana: trabalhadores livres (de ação independente) que seriam os *Oficiais ou artistas residentes na sede municipal ou povoação (...) tendo cada um sua "tenda", sem qualquer subordinação patronal*. Tais trabalhadores desempenhavam estas profissões: ferreiro, funileiro, marceneiro, tanoeiros, pedreiros, etc.; e os dependentes (de ação subordinada) *Técnicos assalariados sujeitos às imposições regimentais de cada núcleo agro-industrial*. Sendo seus representantes: Mestre-de-açúcar, Mestre-em-cachaça, feitor-de-campo, vaqueiro, leiteiro, cortadores, cambiteiros, etc.<sup>66</sup>

Os introdutores da agroindústria açucareira em Ceará-Mirim foram os portugueses Antonio Bento Viana, senhor do Engenho Carnaubal (1843) e Francisco Bernardo Gouveia e os brasileiros Manoel Varela do Nascimento (Barão de Ceará-Mirim) senhor do Engenho São Francisco e Manoel Raposo da Câmara proprietário do Porão Norte. O engenho Carnaubal montou a primeira moenda de ferro, tipo horizontal da região.<sup>67</sup>

O fabrico do açúcar, consistia a princípio *com rolos de madeira de lei cobertos por arcos ou placas de ferro, que esmagava a cana para a extração de seu suco*. Em meados do século XIX, os fabricantes de Pernambuco, em sua maioria passaram a utilizar rolos horizontais *que proporcionavam maior pressão, moagem mais veloz e melhor distribuição da cana pela superfície dos rolos*<sup>68</sup>, que eram de madeira e foram substituídos pelos rolos de ferro, no fim do mesmo século.

Os engenhos brasileiros passaram por inúmeras alterações, em todos os aspectos, a começar das fontes de energia, que a princípio eram acionados por cavalos, bois ou mulas; ou movimentados por moinhos d'água. No final do século XIX foram introduzidas moendas a vapor.

O primeiro engenho a vapor, do Vale do Ceará-Mirim, com turbina, denominou-se "Bica", mas não chegou a funcionar por falta de pessoal capacitado para montá-lo. Isso provocou desânimo na compra de novos equipamentos a vapor por parte dos senhores de engenho da região, causando atraso na produção açucareira.<sup>69</sup>

Em 1866, surge o primeiro engenho com turbina a vácuo, comprado pelo padre cearense Antonio Antunes de Oliveira, senhor do Engenho Imburanas. Com a inauguração deste engenho a produção atingiu um total de 210.000 sacos de 82 Kg.

<sup>66</sup> SENNA. op. cit., v. 2, p.40

<sup>67</sup> Ibid., p.261

<sup>68</sup> EISENBERG. op. cit., p.61

<sup>69</sup> SENNA. Op.cit., v.2, p. 262

Os latifúndios que concentraram os engenhos eram repartidos, a medida em que os proprietários iam falecendo. Os herdeiros por sua vez, fundavam, em cada pedaço que lhes eram de direito, um novo engenho e assim sucessivamente. Deixando transparecer que os minifúndios iriam dominar a região. Isso não ocorreu, pois, surgiram os usineiros que, com toda sua estrutura, começaram a absorver os pequenos proprietários, formando novamente grandes latifundiários.

No início do século XX, os senhores de engenho foram constituir suas residências nos núcleos da Cidade. Os grandes proprietários tinham a casa no campo e na cidade e exerciam funções variadas: políticos, comerciantes e industriais. Por isso, podem ser observadas diversas construções com estilo arrojado, que até os dias atuais se destacam pela beleza que exibem (exemplo: Solar dos Antunes – atual Prefeitura Municipal). Quando aos pequenos proprietários, expulsos do campo se fixaram na cidade, buscando outro meio de vida.

O número de engenhos no Rio Grande do Norte sempre foi pequeno se comparado a outras províncias nordestinas. Dentro deste pequeno número Ceará-Mirim se sobressai, na província potiguar. Segundo Câmara Cascudo, *“Ceará Mirim trouxe até nossos dias a indústria açucareira. Lá estão em maior número as usinas e os velhos bangüês que fizeram, na província dois barões”*<sup>70</sup> Percebe-se no quadro abaixo a supremacia deste município:

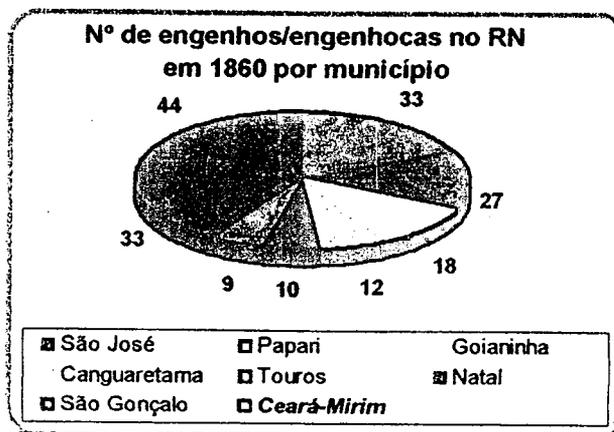
#### Nº de Engenhos RN

ANO	Engenhos	Engenhocas
1845	43*	93
1859	156	-
1861	173	12

\* Dos 43 existentes 32, estavam com moendas de ferro.

Não há dados sobre engenhocas no período de 1959.

Fonte: Adaptado de Rocha Pombo. História do RN, p. 361



Fonte: Adaptado de Cascudo. História do RN, p. 379

<sup>70</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História do Rio Grande do Norte, p.46

Conforme o gráfico dos engenhos/engenhocas do Rio Grande do Norte, no período de 1860, a Ceará-Mirim pertencia, 23% dos engenhos da província.

No ano de 1860 a província exportava 278.438 arrobas de açúcar com 186 engenhos, dos quais 173 eram de Ferro e os demais de madeira, deste total, Ceará-Mirim obtinha o maior número, como afirma acima, Cascudo. Veja tabela e gráfico acima.

As engenhocas que também se aglomeravam no vale fabricavam aguardente e rapadura, funcionando como atividade subsidiária, seu produto servia como moeda para troca por animais de transporte como cavalo, burros e mulas.

**Tabela de Engenhos e Produção de Açúcar do Ceará-Mirim**

ANO	ENGENHOS/USINAS	PRODUÇÃO/ANUAL Açúcar cristal/Bruto
1845	44 engenhos	
1860	44 engenhos	91.000 arrobas Açúcar Bruto
1861	51* engenhos	-
1866		287.000 sacos 60 Kg Açúcar Bruto
1870	44 engenhos	
1877	40 engenhos	137.970 sacos 60 kg Açúcar Bruto
1907		227.500 sacos 60 Kg Açúcar Bruto
1914	56 engenhos	
1920	36 engenhos	
1921		42.188 sacos 60 Kg Açúcar Bruto
1922		58.187 sacos 60 Kg Açúcar Bruto
1924		24.954 sacos 60 Kg Açúcar Bruto
1925	36 engenhos	45.000 sacos 60 Kg Açúcar Bruto
1928		14.201 sacos 60 kg Açúcar Bruto
1929	34 engenhos 2 usinas	16.500 sacos 60 Kg açúcar cristal sem a produção da Usina I.Bela
1930	33 engenhos 3 Usinas	16.200 sacos 60 Kg açúcar cristal

\* Em 1861, dos 51 engenhos, 3 eram movidos a vapor.

Fonte: Julio Senna, Ceará-Mirim-Exemplo Nacional. v. II p. 156-160

A média da produção anual em Ceará-Mirim entre 1879 a 1883 foi de 100.000 sacos anuais de 82 quilo cada.<sup>71</sup>

Existe uma contradição sobre a data do primeiro engenho a vapor. O Jornal "A República de: 12-2-1938, informa que a fundação do primeiro engenho a vapor teria sido em 1864 em "Bicas", o qual não chegou a funcionar.

<sup>71</sup> PEREIRA, Nilo. Imagens de Ceará-Mirim, p. 147

No ano de 1866, verifica-se de acordo com a tabela, a maior produção do vale. E em 1877 dos 40 engenhos existentes, 11 funcionam a vapor. Quanto ao preço do açúcar entre 1872 e 1875, houve oscilação entre 1.600 a 2.200 réis a arroba (15 Kg).<sup>72</sup>

A tabela a seguir relaciona a produção/capacidade por engenho, no Vale do Ceará-Mirim, no período de 1925. Com 27 engenhos movidos a vapor e 10 engenhocas.

### Produção por Engenhos de Ceará-Mirim no ano de 1925

Engenhos movidos a vapor	Produção ou capacidade (sc. 60 kg)	Pequenos Engenhos	Produção ou capacidade (sc. 60 kg)
Alagoas	1000	Barra da Levada	1000
Bicas	3000	Cajazeiras 2°	500
Cajazeiras	600	Elisa Varela	800
Capela	1100	Jacoca	500
Carnaubal	3000	Santiago (Maxarang.)	200
Cruzeiro	3000	Peixoto (Maxarang.)	800
Cumbe	2000	Nascença (tração animal)	800
Diamante	2000	Saco (tração animal)	600
Divisão	1500	S. Maria (tração animal)	300
Eng. Grande	500	S. Rita (tração animal)	500
Espirito Santo	2050		
Igarapé	2500		
São Leopoldo	2000		
Jaçaná	1000		
Jericó	1500		
Laranjeiras	3000		
Morrinhos	5000		
Mucuripe ou S. Izabel	2000		
Oiteiro	1500		
Paraíso	1200		
Pedregulho	1000		
São Miguel	800		
Timbó	4000		
Torre	1000		
Verde Nasce	3000		
Umburanas	3000		
União	5000		
<b>TOTAL</b>	<b>57.250</b>	<b>TOTAL</b>	<b>6.000</b>

Fonte: Julio Gomes de Senna, Ceará-Mirim – Exemplo Nacional v. II p. 165-166

O total da produção dos Engenhos de Ceará-Mirim, é de 63.250 sacos de 60 Kg. Sendo os engenhos Morrinhos e União os de maiores produção, conforme tabela. Não estão inclusa a produção das Usinas que vão se efetivar a partir de 1929.

<sup>72</sup> ANDRADE, Manoel Correia, A terra e o Homem no NE, p. 90



Em 1922, o Rio Grande do Norte possuía 149 engenhos acionados a vapor (dos quais 31, funcionavam no Vale do Ceará-Mirim) e 335 à tração animal.<sup>73</sup>

Dentre as diversas benfeitorias realizadas em Ceará-Mirim, em virtude de seu desenvolvimento econômico, destaca-se o canal Dodt construído por Gustavo Luiz Guilherme Dodt, sob a administração de Augusto Cavalcante de Albuquerque (presidente da Província), concluído em 1867, tinha a finalidade de evitar cheias, protegendo assim os canaviais. Eis os dados deste canal:

*Em linha reta de 4.668m de comprimento, 5 de largura e 1 de profundidade. Recebe o rio d'água azul, canalizado numa extensão de 1.300 m, um outro canalzinho, vindo do alagamar com 1.100 m e finalmente o canal sangradouro, regado através dos mangues, abaixo do lugar ponte, com 1.830m. Todos somam 8.900m, gastou-se: 7.720\$000, mas custou ao governo 4.059\$200, o restante foi produto de uma subscrição entre os proprietários de Ceará-Mirim, promovida pelo Dr. Vicente Ferreira Gomes, juiz de Direito de Natal.<sup>74</sup>*

Este trabalho foi de grande utilidade, garantindo as plantações em boa parte do vale. Em 1871, o presidente Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque, ordenou a abertura do Canal Delfino e 1873 outro canal fora feito "Canal Bandeira"<sup>75</sup> por Dr. Bandeira de Melo, que assim informava: *todo sacrifício para o aperfeiçoamento dessa obra será largamente compensado porque está na consciência de todos que a província tem no Vale do Ceará-Mirim a sua melhor fonte de riqueza e de prosperidade.*<sup>76</sup>

Em 1870 a lei nº 619 de 7 de novembro classificou os engenhos de Ceará-Mirim por motivo da enchente ocorrida no vale em primeira e segunda ordem, sendo os de primeira ordem os mais bem equipados e com terreno para mais de 2.000 pães de açúcar, sendo estes engenhos de melhor qualidade (Ilha Bela, São Francisco, Imburanas e Oiteiro), quanto aos que não atendiam a essas exigências, eram classificados de segunda ordem.<sup>77</sup> Pois apesar de estar o Rio Grande do Norte inserido no "polígono da seca", será as enchentes que provocará um maior prejuízo no Vale do Ceará-Mirim, verifica-se que por

<sup>73</sup> SANTOS, Paulo Pereira. Evolução Econômica do Rio Grande do Norte, p. 132

<sup>74</sup> CASCUDO. Luís da Câmara. O livro das Velhas Figuras, p. 86

<sup>75</sup> Idem. História do Rio Grande do Norte, p. 182

<sup>76</sup> PEREIRA, Nilo. Imagens do Ceará-Mirim, p. 154

<sup>77</sup> Ilza Araújo Leão de. op. cit., p. 43

causa do inverno de 1894, o rio Ceará-Mirim veio a transbordar, ocasionando a perda de 2/3 da produção do açúcar.<sup>78</sup>

Deixemos por instante o açúcar de valor imensurável, para tratarmos da rapadura, talvez sem grande valor comercial, mais de grande presença na mesa do cidadão nordestino. De acordo com a literatura do município de Ceará-Mirim, a rapadura como tudo neste município retardou na fabricação. Em todo o século XIX a rapadura consumida no município provinha da Paraíba. Só a partir de 1910, inicia-se o seu fabrico, que terá importância em volume de produção após 1925, com 105.265 Kg. Continuando com produção crescente, chegando a produzir em 1948 a quantidade de 457.440 Kg.<sup>79</sup>

Quanto ao mel de furo (melaço) era largamente consumido por animais principalmente durante as grandes secas, não apenas locais, mas também era transportado para Lages/RN, dentre outros municípios potiguares.

No que se refere à aguardente, existiram no ano de 1925, 6 destilarias em Ceará-Mirim, com uma produção total de 173.865 litros assim distribuídos (veja tabela):

ENGENHOS	PRODUÇÃO
OITEIRO	14.363 L
SÃO FRANCISCO	12.050 L
ILHA BELA	14.224 L
MORRINHOS	84.333 L
BICAS	35.533 L
UMBURANAS	10.362 L

Fonte: Júlio Senna, Ceará-Mirim Exemplo Nacional. p. 172

## 4.2 O Engenho

Os engenhos se caracterizaram pela grande extensão de terras (latifúndios), a fim de comportarem todos os elementos essenciais para sua constituição. A vida do engenho girava em torno da Casa-grande, da Senzala, da Capela e da Moenda.

### 4.2.1 A Casa Grande, a Capela e a Senzala

<sup>78</sup> LIMA, Hermano M. F.; TAKEIA, Denise Monteiro. História político administrativa da agricultura do RN (1892-1930), p. 42

<sup>79</sup> SENNA, Júlio Gomes de. op.cit., v. II, p.171

Local de moradia do senhor de engenho expressava toda opulência deste senhor de poder absoluto, nos seus projetos arquitetônicos, nos traços de influência européia como a Casa do Engenho Guaporé (ilustrações em anexo). Não deixando a desejar e talvez ultrapassando sua beleza, temos a Casa do Engenho São Francisco, digna de um Barão, embora a casa que chama maior atenção é a da Casa do Engenho Cruzeiro, hoje em ruína, quase que inteira ao chão, revelando o descaso das autoridades locais com o patrimônio histórico.

Estes casarões tem essa exuberância de grande estilo para indicar “quem manda aqui sou eu”. Como não existia uma distinção consangüínea, o que prevaleceu foi a ostentação, que representava a condição social elevada, distintivo do Sr. de engenho nos tempos de prosperidade.

A Igreja Católica imperou, como impera até os dias atuais os grupos monopolizadores. A capela marca essa importância. O engenho Cruzeiro ainda guarda em bom estado de conservação a sua, de beleza rara. De acordo com Gilberto Freyre, *a igreja colonial quase se reduzia às capelas do engenho, manipuladas pelos senhores*.<sup>80</sup>

Como não poderia deixar de compor este quadro, a senzala, local de recolhimento dos escravos, de uma forma geral, sem nenhum conforto e higiene. Devido a sua construção geralmente precária, não há notícias de sua localização no Vale do Ceará-Mirim.

#### 4.2.2 **Fábrica de Açúcar**

Em virtude da moagem da cana-de-açúcar ter que ocorrer até 72 horas após o corte, a localização do estabelecimento industrial deveria ser nas proximidades dos canaviais, devido aos precários transporte existentes (carros de bois ou lombo de animais).<sup>81</sup> Podendo perder toda a matéria-prima caso ocorresse algum atraso.

O Engenho em si se constituía a partir da moenda que esmagava a cana para extração de sua garapa, que seguia até as caldeiras para posterior aquecimento até atingir o “ponto”, devendo depois seguir para a casa de purgar.

<sup>80</sup> WAINFAS, Ronaldo; Souza, Juliana Beatriz. O Brasil de todos os santos, p.48

<sup>81</sup> ANDRADE, Manuel Correia. Área do Sistema Canavieiro, p. 63

### 4.2.3 Casa de Purgar

A casa de purgar servia de depósito para os pães de açúcar, ficava geralmente ao lado do engenho. O engenho Mucuripe ainda preserva sua casa de purgar.

Sobre o processo de purgação discorre Eisenberg:

*Quando o suco da cana alcançava uma consistência de xarope era colocado em vasilhas onde esfriava e cristalizava. Durante 24 horas muitos cristais de açúcar subiam a superfície do xarope em resfriamento e podiam ser retirados. O resto do xarope era colocado em forma cônicas de madeira ou de barro para resfriar por mais quatro ou cinco dias. Então dava-se o processo de purgar: água e barro eram borrifados em cima do pão de açúcar, e quando estas matérias lixiavam em seis a oito dias, eram extraídas a água que ficava entre os cristais de açúcar.*

*Os pães purgados secavam ao sol por 18 a 22 dias, ou em prateleira dos em grandes celeiros aquecidos, até que nenhum melaço escorresse de um orifício na base da forma. O pão seco continha açúcar branco em cima, açúcar amarelo no meio e açúcar pardo na base.<sup>82</sup> [Vale salientar que a capacidade de cada forma de pão de açúcar era em média 3 ½ arrobas de açúcar.]<sup>83</sup>*

### 4.2.4 Casa de Farinha

A farinha

Indispensável na alimentação do escravo e na mesa de toda sociedade nordestina, fazia parte do engenho a casa de farinha, podendo ser encontrada em maior realce mas em péssimo estado, em ruínas no engenho Carnaubal.

A farinha de mandioca é proveniente da economia indígena e ocupava, em Ceará-Mirim, o segundo lugar em atividades industriais pelo volume da produção. *Encontro-a o português, comerciou-a o francês, recomendou-a para uso de suas tropas em luta no Nordeste, os holandeses.*<sup>84</sup>

A lavoura de mandioca no Rio Grande do Norte remonta os primórdios da colonização, assim afirma Cascudo: *a capitania era região de gado e de mandioca.*

<sup>82</sup> EISENBERG. op. cit., p. 63

<sup>83</sup> ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. P. 119

<sup>84</sup> SENNA, Júlio Gomes de. op.cit., v. 2, p.173

Servindo para abastecer Recife. *O Rio Grande era, portanto, a única região de onde se recebia quantidades ponderáveis de farinha e gado que minorava em parte a escassez de gêneros reinantes no Recife.*<sup>85</sup> Percebe-se a importância da farinha e o seu alto consumo, apesar da pouca divulgação nos livros. Chama a atenção para isso Manuel Andrade: *Apesar de sua importância, foi uma cultura relegada a um plano secundário, sempre desprovida de proteção e sempre descuidada a ponto de a sua falta ter sido freqüentemente assinalada em toda a história nordestina.*<sup>86</sup>

A farinha de mandioca, farinha seca ou simplesmente farinha, como todos a chamam tem grande valor nutritivo e poder energético; nunca foi uma iguaria “chique”. Ainda que presente assiduamente na mesa do nordestino até os dias atuais. Esse alimento foi introduzido nos pratos portugueses em substituição ao trigo, tornando-se básica na culinária potiguar.

A casa de farinha tem geralmente estrutura rústica, composta por prensa, coxo, roda, cevadeira, instrumentos primitivos que, até os dias atuais persistem. Conforme Júlio Senna, em 1925 a produção de farinha superava os 1.600.000 quilos por safra. Chegando a existir em Ceará-Mirim no ano de 1938, 124 casas de farinha, produzindo 2.380.800 quilos de farinha. Ocupando mais de 500 hectares de terra com o seu cultivo.<sup>87</sup> É famosa a farinha da Ponta do Mato (localidade em Ceará-Mirim) onde cultivava-se mandioca,<sup>88</sup>. Pela avidez, por ser bem gomada e torrada. Como também a farinha do alagadiço, fabricada pelos “negros de Coqueiro” (antigo quilombo em Ceará-Mirim).<sup>89</sup>

O processo para fabricação da farinha consiste em raspar as raízes da mandioca, lavá-las, ralá-las, em seguida a massa ralada é espremida, deitando esta massa, para enxugá-la sobre o fogo mexendo, para tirar a umidade.<sup>90</sup> Esta técnica indígena ainda é empregada quase da mesma forma até os dias atuais.

Por se tratar de um produto não perecível e barato, é largamente consumido, principalmente no período de seca.

<sup>85</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do Norte, p. 78

<sup>86</sup> ANDRADE, Manoel Correia. A terra e o homem no NE, p. 84

<sup>87</sup> SENNA, Júlio Gomes de. op. Cit., v. II, p. 174

<sup>88</sup> LIMA, Nestor. História dos municípios, p. 360

<sup>89</sup> MEDEIROS, Tarcísio. Os negros escravo da etnia à abolição e os remanescentes de sua aculturação no RN, Revista de História. p. 56

<sup>90</sup> FREYRE, Gilberto. Casa grande & Senzala.p. 120

### 4.3 Transportes

No início do século XIX o principal meio de transporte terrestre do açúcar era o carro de boi. Em meados do século XX, ainda utilizava-se caravanas de cavalos e mulas como transporte fundamental.

O transporte sempre fora um vilão para a economia do Rio Grande do Norte, principalmente o “interno”, o que de certa forma dificultou a comunicação com o interior da província, sendo os moradores por conta própria os principais responsáveis pela abertura de estradas.<sup>91</sup>

Em 1870, surgiram as primeiras ferrovias privadas, que auxiliaram no transporte da cana, em tempo mais curto transportando maiores quantidades de açúcar. Isso foi um grande avanço para escoar a produção açucareira e um estímulo para a construção de novos engenhos. As ferrovias em Ceará-Mirim surgiram após o século XX, precisamente em 1906, foi inaugurada a estação do município.

No ano de 1872, foi assinado um contrato para a construção de uma estrada de ferro, que ligaria Ceará-Mirim a Natal, atravessando o rio Potengi, com uma ponte metálica, pelo presidente Henrique Pereira Lucena, mas que só foi inaugurada em 1906, junto com a estação.<sup>92</sup>

O açúcar também foi transportados por rios para o porto dos Guarapes. De lá seguindo para as diversas localidades.

### 4.4 Engenhos Centrais

Os senhores de engenho com o intuito de vencer a crise açucareira gerada pela concorrência do açúcar de melhor qualidade produzido no exterior criaram os Engenhos Centrais, estimulado pelo governo do Estado que abriu concorrência para a criação de uma Usina Central no Vale:

*A lei provincial de 3 de setembro de 1874 creára favores as empresas que se propusessem a estabelecer engenhos Centrais nas grandes zonas assucareiras lavrou-se logo o primeiro contracto com*

<sup>91</sup> POMBO, Rocha. Op. cit., p.366

<sup>92</sup> CASCUDO, Luiz da Câmara. História do Rio Grande do Norte, p. 181

*Pedro H. Waken para fundar um desses engenhos no município de Ceará-Mirim.*<sup>93</sup>

Mas nada fora feito, em 1882 estes contratos foram passados a outro empresário, Brazilian Sugar Factories Company I.d, sem nenhum sucesso.

A finalidade dos engenhos centrais, de acordo com Peter Eisenberg, era basicamente a divisão do trabalho. Onde os proprietários agrícolas poderiam dedicar seus recursos exclusivamente à agricultura, desta forma aprimorando o uso de fertilizantes, irrigação e mecanização. Não cabendo ao agricultor a manutenção e melhoramento de seu engenho, que ficaram entregues ao abandono. Quanto aos proprietários dos engenhos centrais, estes deveriam dedicar-se ao setor industrial, investindo apenas nos engenhos. A idéia era a obtenção de uma cana mais barata e um açúcar com maior competitividade.<sup>94</sup> O engenho produziria cana e o engenho central, açúcar.

Apesar dos incentivos os engenhos centrais não obtiveram êxito. Paul Singer assegura que *a causa primordial do malogro do Engenho Central é que ele não podia contar com o fornecimento certo de cana e preços que lhe permitissem fabricar o açúcar com custos competitivos.*<sup>95</sup> Em 1874, o presidente, autoriza em forma de lei a garantia de

*juros de 7% ao ano sobre o capital de 500.000,000 e pelo prazo máximo de vinte anos a quem oferecesse melhores condições para o assentamento de uma fábrica ou engenho central capaz de produzir açúcar em quantidade superior a quinhentas toneladas inglesas por ano.*<sup>96</sup>

No entanto nenhum engenho central se formou, por razões desconhecidas.

#### 4.5 Usinas

Após o fracasso dos engenhos centrais, surgem as usinas. Enquanto um engenho médio produzia de uma a uma e meia toneladas diárias de açúcar mascavo (15 a 20 pães de

<sup>93</sup> POMBO, Rocha. Op. cit., p.361-362

<sup>94</sup> EISENBERG. op. cit., p. 111

<sup>95</sup> Ibid. p. 123

<sup>96</sup> CASCUDO, apud. Ilza Araújo Leão de. op.cit., p. 42

60 a 70 Kg cada), as usinas produziam acima de 10 toneladas diárias de açúcar predominantemente branco.<sup>97</sup>

Basicamente o processo na fabricação do açúcar na usina, funciona da seguinte forma:

*a) esmagamento da cana e extração do caldo; b) purificação do caldo – sulfitação, calagem, preaquecimento, decantação e tratamento dos resíduos; c) evaporação; d) cozimento; e) cristalização; f) turbinagem; g) secagem e ensacamento. O processo sofre determinadas alterações conforma o tipo de açúcar que se deseja obter: açúcar branco tipo usina ou açúcar escuro, tipo demerara. O cristal tem alta polarização e sofre um descoramento mais completo, ao passo que o demerara apresenta os cristais envolvidos por uma película aderente de melaço.<sup>98</sup>*

O surgimento das usinas, demonstrar uma melhor conscientização e preocupação por parte dos produtores em melhorar a qualidade do açúcar, podendo competir com o açúcar antilhano e com condições técnicas menos onerosa.

A partir de 1874 começou a implantação de pequenas usinas no Brasil, que absorviam a cana de vários engenhos, pois as usinas precisavam de uma quantidade elevada de cana superior a dos engenhos. Por este motivo os usineiros tinham sua própria plantação, além das fornecidas por outros agricultores (fornecedores) como garantia de matéria-prima para suas máquinas. Desta forma a usina comprava e produzia cana-de-açúcar, controlando a parte agrícola e a industrial.<sup>99</sup> Mantendo deste modo a mesma divisão da produção dos engenhos de açúcar desde sua implantação inicial.

Os engenhos em Ceará-Mirim surgiram tardiamente, apenas 3 usinas iram contemplar o cenário açucareiro, a saber: **São Francisco**, fundada engenho pelo Barão de Ceará-Mirim, com capacidade para 300.000 sacos de açúcar; **Ilha Bela** do Cel. José Felix da Silveira Varella, transformada em Usina em 1929, sendo que desde 1894, possuía turbina e taxa vacuum, que permitia fabricar assucar demerára, produzindo até 12.000 sacos e a Usina **Guanabara**, que era constituída em parte pelo engenho laranjeira, fundado por Antonio Basílio Dantas Ribeiro, transformada em Usina em 1929.<sup>100</sup>

*Ribeiro Dantas*

<sup>97</sup> EISENBERG. op. cit., p.64

<sup>98</sup> BRASIL/AÇUCAR, Coleção Canavieira, p. 108

<sup>99</sup> ANDRADE MANOEL Correia. Área do sistema canavieiro, p.58

<sup>100</sup> LIMA, Nestor. Municípios do Rio Grande do Norte, p. 351

*Foram transformadas em usinas os engenhos São Francisco e Ilha Bela, sendo que este último é o resultado das junções dos engenhos Guanabara, Igarapé, São Leopoldo e Ilha Bela, que ficaram de “fogo morto” cedendo suas canas para a nova usina.”<sup>101</sup>*

A difícil obtenção de capitais e créditos, bem como a falta de avanço tecnológico, explicada pelo atraso da mentalidade dos proprietários, aliado a isso um mercado pouco dinâmico, respondem ao surgimento de poucas e tardias usinas no estado.

A tabela seguinte o número de usinas na área canavieira do nordeste, de 1910 a 1933, podendo ser verificada o pequeno número destes estabelecimentos no Estado. Das 04 usinas do Rio Grande do Norte, 01 situa-se em Canguaretama e 03 em Ceará-Mirim.

ESTADOS	NÚMERO DE USINAS		
	1910	1920	1930
Rio Grande do Norte	01	03	04
Paraíba	05	02	07
Pernambuco	46	54	62
Alagoas	06	15	23
Sergipe	62	70	80
<b>TOTAL</b>	120	145	176

Fonte: Adaptado de Manoel Correia de Andrade. Área do sistema canavieiro, p.71 e Nestor Lima. Municípios do RN, p. 351

O processo usineiro no Rio Grande do Norte, não inibiu os velhos bangüês, enquanto estes estavam em vias de extinção em Pernambuco e Alagoas, os engenhos potiguares ainda dominavam de forma absoluta a produção do Estado. Na safra de 1936/37 que foi de 220.556 sacos (60 Kg), apenas 28.512 era açúcar de usina, 13% do total. Sendo um dos fatores: “a preferência generalizada da população do interior pelo açúcar mascavo e pela rapadura, como adoçantes.”<sup>102</sup>

A usina trouxe o açúcar cristal (ou branco), sendo este, totalmente exportado: Interessados locais neste produto deveriam buscá-lo fora do Estado, sendo por esta razão considerado o açúcar da elite. Hoje há uma inversão, o açúcar preto (mascavo) tem alto valor nos supermercados do Estado, sendo procurado pelos consumidores de alto poder

<sup>101</sup> ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. Condições p. 43

<sup>102</sup> ANDRADE, Manoel Correia de. Usinas de açúcar e destilarias no Rio Grande do Norte, p. 8

aquisitivo. Isso prova a mudança de valores que se dar aos alimentos e a tudo, com o passar do tempo.

Apesar de uma maior tecnologia e de um aumento na produção, o vale não conseguiu escapar ao declínio da economia açucareira, que assim noticiava pelo jornal “A Republica”:

*É realmente desoladora a situação em que ora se encontra a lavoura do grande vale e ubertoso Valle. Os agricultores em geral sobrecarregados de dívidas, motivadas pela decadência da lavoura da canna e baixo preço do assucar, atormentados ao demais pelas sucesivas inundações, sem recurso de outra especie, acham-se em verdadeiro estado de penuria e miseria.<sup>103</sup>*



## 5. CONCLUSÃO

O açúcar foi de grande relevância para a história do Brasil, tanto no período colonial, como por toda sua existência, mudando apenas de endereço. Fazendo do País uma potência mundial.

A cultura canavieira está concomitantemente imbricada com o surgimento e desenvolvimento do município de Ceará-Mirim nas mais diferentes áreas: social, religiosa, político-administrativa. Sendo o açúcar, fator determinante no seu processo histórico, com seus engenhos que marcam todo o município.

Verifica-se que no período estudado: 1845-1930, o açúcar vai sofrer grandes oscilações, tanto no preço, como na produção, por interferência do mercado externo e interno, passando por fase de incentivos e de descaso.

Como toda a cultura, as variações climáticas, também participaram dos prejuízos da lavoura canavieira. A cidade e o rio têm o mesmo nome: Ceará-Mirim, rio que se tornou o grande responsável pelo cenário e riqueza da cidade, por sua extrema fertilidade, proporcionando toda a alimentação necessária ao solo da monocultura.

Como o desenvolvimento da indústria açucareira, levado pela modernização de equipamentos, transformou os engenhos em usinas, reduziu a quantidade de empregados, propôs uma progressiva concentração fundiária, onde os bem estabelecidos engoliam os pequenos produtores rurais, expulsando-os do campo e alojando-os na cidade.

Percebe-se neste trabalho os vários processos pelos quais atravessa a sociedade, como a economia pesa no seu desenvolvimento e como o desinteresse político pode prejudicar o avanço de determinada região.

Os estudos efetuados traduzem como é complicado trabalhar com dados quantitativos, visto que, estas informações, mesmo que oficiais não expressam uma verdade absoluta. Além das contradições existentes, muitas delas inseridas no mesmo livro.

Pode-se perceber o papel do algodão e agropecuária como um dos responsáveis pelo atraso da cultura canavieira no vale. Servindo de sustentáculo para o abastecimento de Pernambuco, com produtos da qual não dispunha.

---

<sup>103</sup> A República, 13/03/1913.

A região do Vale é extremamente fértil, permitindo a policultura, mas o que perpetuou, mesmo no período de crise onde a saída seria novas culturas, fora à cana-de-açúcar. Culpa de uma mentalidade retrógrada ou de uma ambição sem precedentes.

A visitação ao vale dar margem para que seja percebida todo o investimento desprendido pelos senhores de engenho, na busca de sua ascensão, através das construções ou ruínas, que podem ser facilmente vistas.

Deve-se observar o grande patrimônio que ora se encontra abandonado, com total desatenção das autoridades competentes. Em Ceará-Mirim devem estar o maior conjunto de monumentos arquitetônicos (engenhos, casa-grande, capela), existentes, sobre o açúcar no Rio Grande do Norte (podendo vir a ser transformado em potencial turístico, se o tempo esperar). Mostrando que o açúcar também fez história no Rio Grande do Norte. Deveria haver, sempre que possível, uma maior interação do ensino “história” com os alunos, através de passeios a esses campos históricos, para que os estudos não fossem tão teóricos, tornando-os superficiais.

Os rastros da destruição que a cultura canavieira proporciona é desolador. A localidade outrora batizada de “Boca da **Mata**”, hoje Ceará-Mirim, perdeu quase toda sua vegetação típica, exibindo apenas seus verde e extensos canaviais.

Hoje até as narrações esportivas se reportam a cidade, exaltando a cana-de-açúcar: “Terra dos verdes canaviais”.

Este trabalho tem a intenção de oferecer uma maior conscientização a respeito do patrimônio do vale do Ceará-Mirim. Para uma maior conservação e preservação. Bem como, focar a importância e primazia do açúcar para o brasileiro, o potiguar e o cearamiriense. Visto que, com toda a produção do açúcar de beterraba, fabricado em larga escala e pelas facilidades concebidas pela globalização, não conseguiu ser introduzido no País, onde a maioria da população ignora sua existência. Provando desta forma o predomínio do açúcar de cana.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Gilberto Osório de. **Os rios do açúcar no nordeste oriental: O rio Ceará-Mirim.** Recife: IJNPS, 1957.
- ANDRADE, Ilza Araújo leão de. **Condições de trabalho e migração - um estudo de caso da região açucareira do vale do Ceará-Mirim.** Dissertação de mestrado.[s.n.t].
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Área do sistema Canavieiro.** Recife: Sudene, 1988
- \_\_\_\_\_. **A Terra e o homem no nordeste** (Contribuição ao estudo da questão agrária no nordeste). 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- \_\_\_\_\_. **História das Usinas de açúcar de Pernambuco.** Recife: Ed.Massangana, 1989, v. 1
- \_\_\_\_\_. **Produção do Espaço Norte Rio Grandense.** Natal: UFRN-FUNPEC, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Usina de Açúcar e destilarias no Rio Grande do Norte e na Paraíba (Agro-indústria canavieira e a produção do espaço).** Mossoró: 1988.
- ANDREONI, João António (ANTONIL, André João). **Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas Minas.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- ARBOCZ, I.L.L. **Ensaio sobre a história econômica no Rio Grande do Norte.** Natal: UFRN, 1986.
- BRASIL/AÇÚCAR. Coleção Canavieira n. 8 divulgação do MIC. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1972.
- CAMPOS, Raymundo. **Grandezas do Brasil no tempo de Antonil (1681-1716).** São Paulo: Atual, 1996.
- CARDOSO, Zoroastro Ramos. **Burgueses Urbanos dos Flamengos aos Mascates em Recife.** Recife, 2000. Dissertação (Mestrado em História) UFPE.
- CARLI, Gileno dè. **Açúcar Amargo.** Recife: Companhia editora de Pernambuco, 1982
- CASCUDO, Luís da Câmara. **O livro das velhas figuras.** Natal: IHGRN, 1974.

- \_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed., Natal: Fundação José Augusto, 1976
- \_\_\_\_\_. **História da Cidade do Natal**. Natal: IHGRN, 1999
- \_\_\_\_\_. **Sociologia do açúcar**. Rio de Janeiro: MIC. IAA, 1971.
- CASTRO, Paulo Venturele de Paiva. **Dinâmica urbana de Ceará Mirim/RN**, Natal: CERN, 1992
- CONDÉ, José. **A cana-de-açúcar na vida brasileira textos coligidos**. Rio de Janeiro: Publicação IAA, 1972
- EISEMBERG, Peter L. **Modernização sem Mudança** (A indústria açucareira em Pernambuco 1840-1910). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREYRE, Gilberto & outros. **Livro do Nordeste**. 2. ed., Recife: Arq. público Estadual, 1979.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 26. ed., Rio: Nordeste, 1961; v.1
- \_\_\_\_\_. **Nordeste: Aspecto de influência da cana-de-açúcar sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil (1900-1987)**. 3. ed., Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1967.
- GUIMARÃES NETO, Leonardo. **Introdução à formação econômica do nordeste** (Da articulação comercial à integração produtiva). Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1989
- LIMA, José Ayrton de. **A escravidão Negra no Rio Grande do Norte**. Natal: Cooperativa dos Jornalistas de Natal, 1988
- LIMA, Nestor dos Santos. **Municípios do Rio Grande do Norte**. Natal: 1937 v.1
- LIRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1921.
- MAGALHÃES FILHO, Francisco de B. B. de. **História Econômica**. São Paulo: Sugestões Literárias, 1981
- MEDEIROS, José Augusto de. **O Sal e o Algodão na economia potiguar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.
- MEDEIROS, Tarcísio. **Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte**. Natal: Imprensa Universitária, 1973

- \_\_\_\_\_. **Revista de História: In: 100 anos 1888-1988. O negro escravo: da etnia à abolição e os remanescentes de sua aculturação no Rio Grande do Norte.** Natal: UFRN, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Estudos de História do Rio Grande do Norte.** Natal: 1997;
- MELO, João Alves de. **Natureza e História do Rio Grande do Norte (1501-1889).** Natal: Imprensa Oficial, 1950.
- MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte.** Natal: EDEFNRN – Editora da UFRN, 2000
- MORAIS, Marcos César Cavalcanti de. **Terras Potiguares.** Natal: Dinâmica editora, 1998.
- MOURA, Pedro Rebouças de. **Fatos da História de Rio Grande do Norte.** Natal: Cia. Editora do RN, 1986.
- NOBRE, Manoel Ferreira. **Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.
- PEREIRA, Maria Madalena Antunes. **Oiteiro** (memórias de uma Sinhá Moça). Rio de Janeiro: Pongetti, 1958.
- PEREIRA, Nilo. **Evocação do Ceará-Mirim.** Recife: Imprensa Oficial. Arq. Público, 1959
- \_\_\_\_\_. **Imagens do Ceará-Mirim.** Natal: Fundação José Augusto, 1989
- PINTO, Estevão. **História de uma estrada-de-ferro do nordeste** (Contribuição para o estudo da formação e desenvolvimento da empresa “The Great Western of Brazil Railway Company Limited” e das suas relações com a economia do nordeste brasileiro). São Paulo: Livraria José Olympio, 1949
- PLANO DE AÇÃO INTEGRADA DO MUNICÍPIO DE CEARÁ-MIRIM. Natal: IDEMA, 1979;
- POMBO, Rocha. **História do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro: Ed. Anuário do Brasil, 1922;
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Histórica econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1945.
- SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e Moraes. **Nordeste, açúcar e poder: um estudo da Oligarquia açucareira na Paraíba (1920-1962).** João Pessoa: CNPQ/UFPB, 1990.

SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução Econômica do Rio Grande do Norte** (do Século XVI ao século XX). Natal: Clima, 1994

SENNA, Júlio Gomes de. **Ceará-Mirim exemplo nacional (1938-1972)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974, v. 1

\_\_\_\_\_. **Ceará-Mirim exemplo nacional (1938-1972)**. v. 2, [s.n.t]

\_\_\_\_\_. **Ceará-Mirim exemplo nacional (1938-1972)**. v. 3, [s.n.t]

SOUZA, Itamar de. **Diário do Rio Grande do Norte**. A consolidação da UFRN. Elementos da economia do RN. Natal, n. 8, 1999.

SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão; MARIZ, Marlene da Silva. **História do Rio Grande do Norte: Império e República (1822/1934)**. Natal: Gráfica Santa Maria, 1999.

LIMA, FERREIRA. Hermano Machado e TAKEIA, Denise Monteiro. **História Político-Administrativa da agricultura do Rio Grande do Norte (1982-1930)**. Natal: Proed. Editora Universitária, 1987

TOLEDO, Vera Vilhena de. GANCHO, Cândida Vilares. **Verdes Canaviais**. São Paulo: Moderna, 1996.

WAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz. **Brasil de todos os santos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

[www.cabuigi.com](http://www.cabuigi.com)

[www.meusite.osite.com.br/cmfoco](http://www.meusite.osite.com.br/cmfoco)

[www.madinfo.pt/organismos/ceha/ecologia/eco4.html](http://www.madinfo.pt/organismos/ceha/ecologia/eco4.html)

#### FONTES:

A REPÚBLICA, 13/03/1913

A REPÚBLICA, 17/08/1935

---

---

# *Anexos*

---

---

- **Relação de engenhos;**
- **Mapas de Ceará-Mirim;**
- **Fotos dos monumentos de Ceará-Mirim.**

## Relação dos Engenhos do Vale do Ceará-Mirim

Existe aqui a necessidade de uma advertência para não haver uma posterior confusão, a respeito do surgimento de novos nomes na nomenclatura dos engenhos. O nome dos engenhos, via de regra, é alterado, quando este é transferido para outro proprietário ou quando há divisões por efeito de herança. Como exemplo temos o engenho Timbó, que fora dividido em vários engenhos, dentre eles o São Pedro; O Palmeira, fora transformado em Itapicuru, Santa Terezinha, etc. Destes, surgem novas divisões.

Engenhos/Usinas	Proprietário
1. Alabama	Manoel Leopoldo Rego Câmara
2. Alagoas/Alagoa	Cap. Pedro Jose Antunes de Miranda
3. Angico	João Batista de Souza Menino
4. Barra da levada	José Ribeiro Dantas
5. Bicas	Joaquim Pacheco Mendes
6. Cajazeiras	Herdeiros: Miguel Antonio Ribeiro Dantas e outros
7. Cajazeiras 2°	
8. Canabrava	João Ribeiro Dantas
9. Capela	Manoel Varella do Nascimento
10. Carnaubal	Antônio Bento Viana
11. Coqueiros	
12. Cruzeiro	Sanuel Bolchaw
13. Cumbe (Velho)?	Manoel Teixeira da Fonseca e Silva
14. Diamante	Major Miguel Ribeiro Dantas
15. Divisão	Joaquim Ignácio Pereira
16. Do Meio	Bacharel Augusto Carlos do Amorim Garcia
17. E. Santo	João Sobral
18. Elisa Varela	
19. Engenho Grande	
20. Eng° Grande	Herdeiro: Antonio Cerqueira de Carvalho
21. Espinheiro	
22. Espírito Santos	João Xavier Pereira Sobral
23. Floresta	Dr. Heráclito Araújo Vilar
24. Guanabara	Cel. Antonio Basílio
25. Guaporé	Vicente Inácio Pereira
26. Guaramiranga	José Araújo Vilar
27. Guarani	
28. Igarapé	Nilton Varella
29. Ilha Bela	José Félix da Silveira Varella
30. Ilha Grande	Euquerito José Peres
31. Imburanas/Umburanas	Pe. Antonio Antunes de Oliveira
32. Itanagé	
33. Itapicuru	
34. Jaçanã	Herdeiro: Jerônimo C. Raposo Câmara (Dr. Loló)
35. Jacoca	Manoel Emygdio de França
36. Je. Paul	
37. Jericó	Miguel Ribeiro Dantas
38. Laranjeira	Francisco Xavier de Sousa Sobral
39. limoeiro	Carlos Manoel de Jesus Nogueira e Costa

40. Manibú	Herdeiros do Cel. Francisco José Soares
41. Maxaranguape	Manoel R. Santiago ou Manoel L. Peixoto??
42. Morrinhos	Francisco Ribeiro de Paiva
43. Mucuripe	Major Antero Leopoldo Raposo Câmara
44. Nascença	Hermínio Leopoldino Cavalcanti
45. Oiteiro	José Antunes de Oliveira
46. Palmeiras	Metódio Barroca
47. Paraíso	Manoel Leopoldo Raposo Câmara
48. Pau d'arco	
49. Pedregulho	Lourenço Sylvestre Cid
50. Peixoto (Maxaranguape)	
51. Purão do Norte	Manoel Raposo da Câmara
52. S. Pedro/Timbó	Ursina R. Dantas
53. Saco	
54. Santa Cruz	
55. Santa Isabel	João Ribeiro Paiva
56. Santa Maria	
57. Santa Rita	Manoel Rodrigues Soares
58. Santa Tereza	
59. Santa Terezinha	
60. Santiago (Maxaranguape)	
61. São Francisco	Manoel Varella do Nascimento
62. São José	Luiz Ferreira da Silva
63. São Leopoldo	Manoel Raposo Câmara
64. São Miguel	João Cocentino
65. Timbó de dentro	Miguel Ribeiro Dantas (Barão de Mipibu)
66. Timbó de fora	Boaventura Dias de Sá
67. Torre	João Secudino Ferreira Pacheco
68. Trigueiro	José Ribeiro Dantas
69. União	José Araújo Villar, depois: Felismino Dantas
70. Veados	
71. Verde Nasce	Victor José Castro Barroca

Fonte: SENNA, Júlio Gomes de. Ceará-Mirim Exemplo Nacional, v. II, p.69-71 e LIMA, Nestor. Municípios do Rio Grande do Norte, p. 351-355



O mapa a seguir contém alguns dos Engenhos/Usina que compõem o Vale açucareiro do Ceará-Mirim:

1. Engenho Guaporé
2. Engenho Trigueiro
3. Engenho Imburanas
4. Engenho Verde Nasce
5. Engenho Cruzeiro
6. Engenho Oiteiro
7. Engenho Cumbe
8. Engenho Alagoas
9. Engenho Mucuripe
10. Engenho Santa Isabel
11. Engenho Morrinho
12. Usina Ilha Bela

Relação dos rios no mapa seguinte:

- (a) Rio Maceió;
- (b) Rio Delfino;
- (c) Rio Água azul;
- (d) Riacho da Goiabeira.

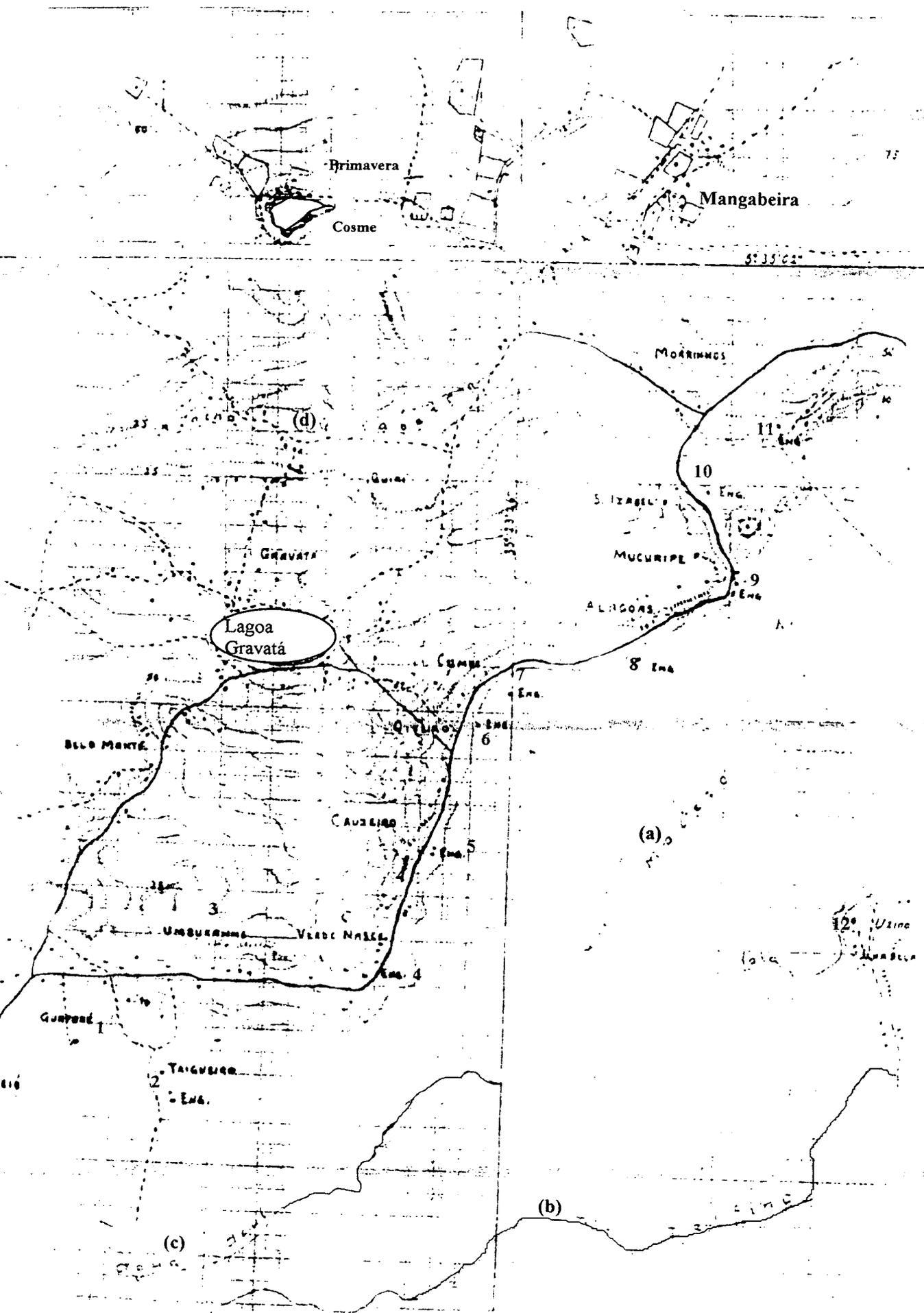
Usina Ilha Bela

*Verifica-se a existência de uma verdadeira avenida à margem da estrada de rodagem, que partindo de Maceió, percorre os engenhos Umburanas, Verde Nasce, Cruzeiro, Oiteiro, Cumbe, Alagoas, Mucuripe, Santa Isabel e Morrinhos, beirando o vale do Ceará-Mirim, numa extensão de 5 Km.<sup>107</sup>*

*No Vale do Ceará-Mirim é impressionante como os antigos engenhos, hoje na maioria de "fogo morto", se enfileiraram como contas de um rosário em cada uma das margens, no limite entre o alagadiço e o arisco sendo ligados uns aos outros por estradas vicinais que vão desde a área próxima à cidade e à Usina São Francisco até a foz<sup>108</sup>*

<sup>107</sup> SENNA, Júlio Gomes de. Ceará-Mirim-Exemplo Nacional. v. I p. 478

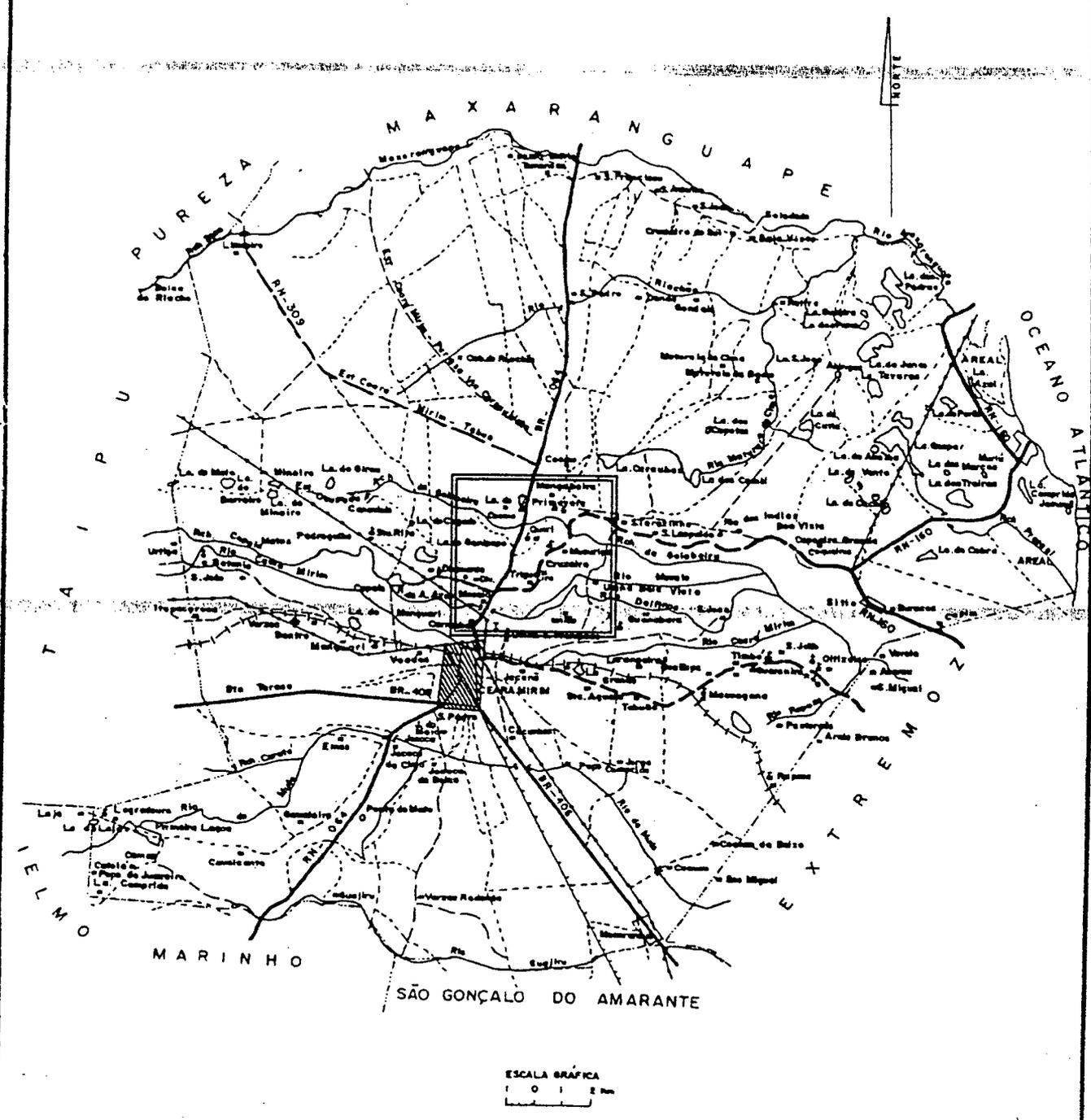
<sup>108</sup> ANDRADE, Manoel Correia. Usinas de Açúcar e destilarias no Rio Grande do Norte e na Paraíba. p. 15



FONTE: Adaptado do mapa de SENNA, Júlio Gomes de. Ceará-Mirim-Exemplo Nacional, v. III.

A seguir, o mapa adaptado do atual do Município de Ceará-Mirim. Pode-se verificar a existência de locais que permanecem ainda com o nome dos antigos engenhos, que os batizaram.

A área em destaque representa aproximadamente o mapa do livro de Júlio Senna.



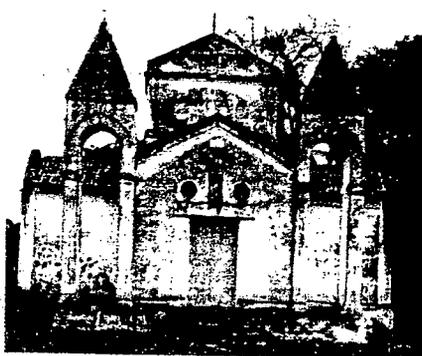
**CEARÁ MIRIM**

**LEGENDA:**

- |                     |                         |                           |                     |
|---------------------|-------------------------|---------------------------|---------------------|
| BEDE DO MUNICÍPIO   | ESTRADA CARROÇÁVEL      | CURSO D'ÁGUA PERMANENTE   | PONTE               |
| POVOADO             | ESTRADA DE FERRO        | CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE | LÍMITE DO MUNICÍPIO |
| ESTRADA PAVIMENTADA | ESTRADA NÃO PAVIMENTADA | AÇUQUE / LAGO             | LINHA TRANSMISSORA  |

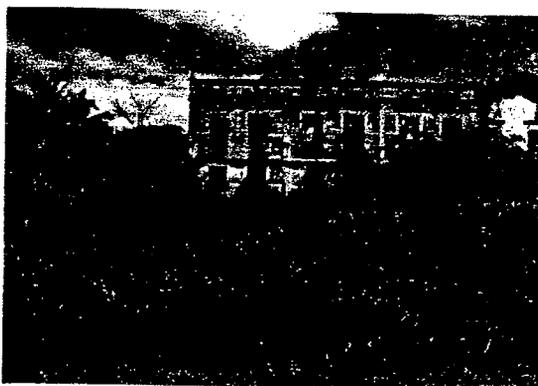
Desenho: SETOR DE CARTOGRAFIA  
 INSTITUTO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES — IEI  
 FUNDAÇÃO IDEC — 1991

Localização: CARTAS DA SUDENE — 1:100.000  
 Folhas: PUREZA — 28-26-V-C-I / TOUROS — 28-26-V-C-II  
 JOÃO CAMARÁ — 28-26-V-C-IV / NATAL — 28-26-V-C-V



Capela do Engenho Cruzeiro

Casa grande do Engenho  
Cruzeiro, nos mais diversos  
Ângulos.



O Engenho Cruzeiro

Foi Fundado pelo inglês Samuel Bolahaw,  
passou às mãos do Major Onofre José Soares  
e seus filhos e demais herdeiros de Dona  
Florência Maria Soares.



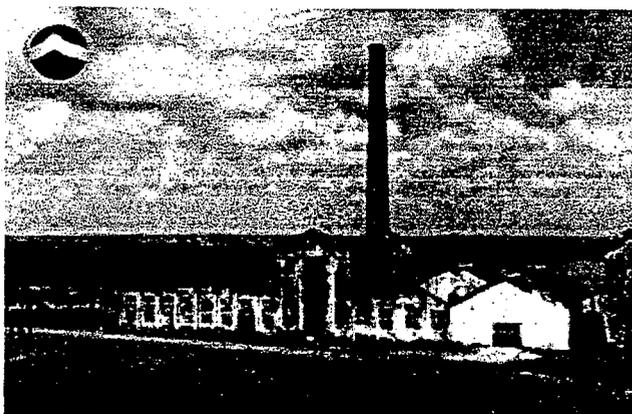
Detalhe do compartimento  
interno da Casa.



## Usina Ilha Bela

Antigo engenho fundado pelo tenente-coronel José Félix da Silveira Varela aproximadamente em 1888/1889.

Em 1894 já possuía turbinas e taxas que permitiam fabricar um açúcar mais fino.



No alto, a casa da Usina Ilha Bela, verifica-se a semelhança com uma ilha. Ao lado a Usina com seu bueiro.



Casa de farinha →  
Ruínas do Engenho Carnaubal →



Detalhe da Casa – grande, a frente atual morado.

### Engenho Carnaubal

Fundado pelo português Antônio Bento Vianna em 1840. Três anos depois, inaugurou a 1ª moeda de ferro horizontal trazida da Inglaterra.

Casa-grande do Engenho Carnaubal

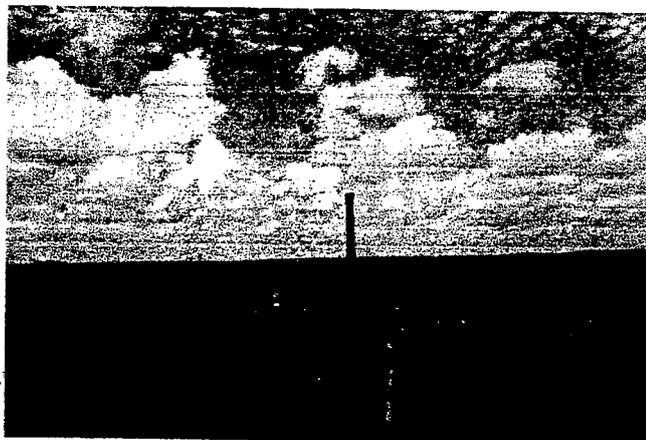




### Engenho São Leopoldo

Antigo engenho Alabama, foi fundado pelo coronel Manoel Raposa Câmara, passado depois a Jorge Fernandes Câmara, ex-prefeito de Ceará-Mirim.

Engenho ou usina (?) Santa Tereza



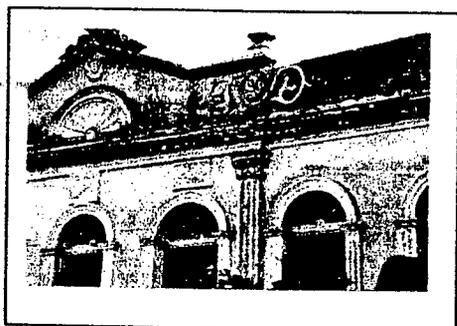
Conhecida como Usininha

## Casa Grande do Engenho Guaporé



A casa grande do engenho Guaporé, hoje museu do mesmo nome, foi construída em meados do século XIX.

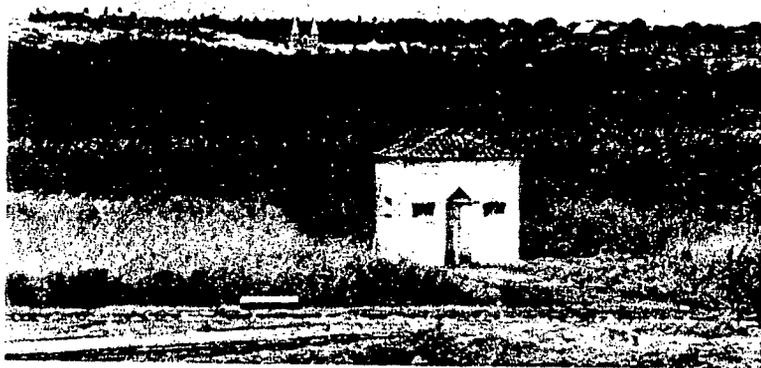
Fundada por Dr. Vicente Inácio Pereira, que recebeu o "Sítio Bonito" como dote de seu sogro, o Barão de Ceará-Mirim. Assim que recebeu o engenho como dote, mudou logo seu nome para Guaporé.



Detalhe da Casa.

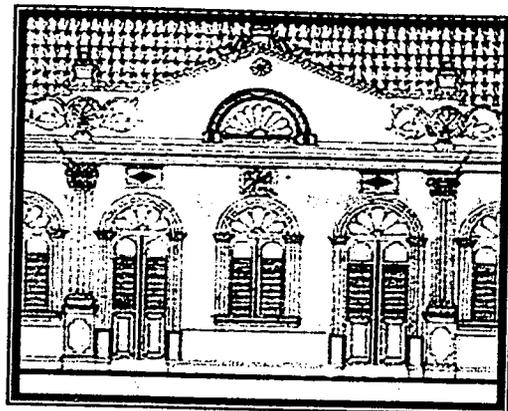
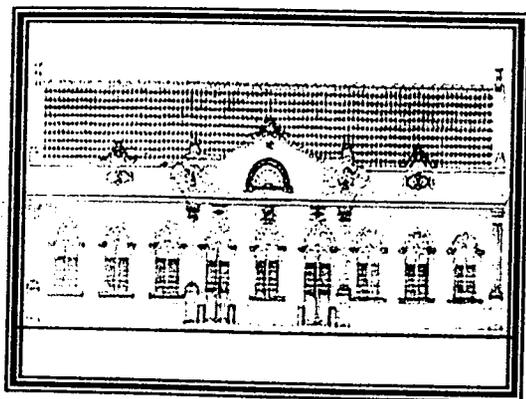


Lateral da Casa-grande

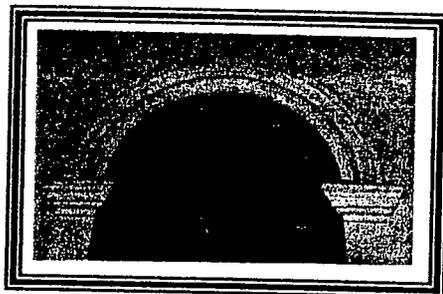


De acordo com Nilo Pereira, esta era a casa de banho do Guaporé.

Ao fundo a Igreja de Ceará-Mirim.



Detalhes da Casa do Engenho Guaporé.



O Guaporé antes era denominado Sítio Bonito. O Dr. Vicente havia herdado do seu sogro, o Barão do Ceará-Mirim a Ilha Bela, a qual lhe permutou com o Sítio Bonito, erguendo a casa-grande. De construção semi-colonial e estilo afrancesado. Era o que existia de mais tradicional duma época afidalgada.

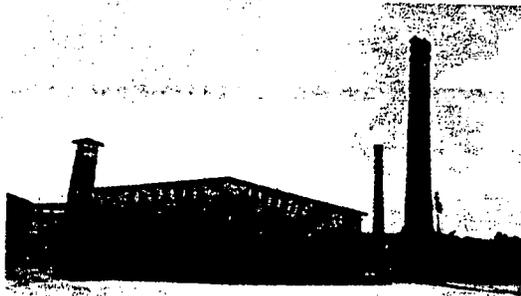
A casa grande do engenho Guaporé, simboliza o ícone arquitetônico de uma época da época da expansão canavieira.

Nestor Lima, em seu livro, Os municípios do Rio Grande do Norte, informa que o Guaporé foi canavial modelo (sítio para o plantio de cana) e que não chegou a ter engenho (?), apenas cultivava a cana para ser processada na Usina São Francisco. A maioria dos autores escrevem sobre a existência do engenho. Hoje não temos notícia da localização do engenho (se existiu!), apenas a Casa-Grande que fora transformada em Museu. Batizada por muitos de Museu Nilo Pereira, em homenagem ao grande idealizador do projeto., era neto dos proprietários do Guaporé.

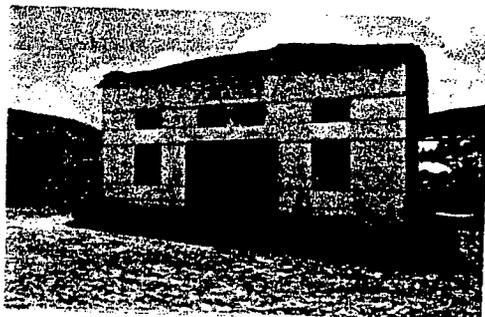
Esta casa, pela sua arquitetura representa a riqueza, a opulência dos senhores de engenho.

## Mucuripe

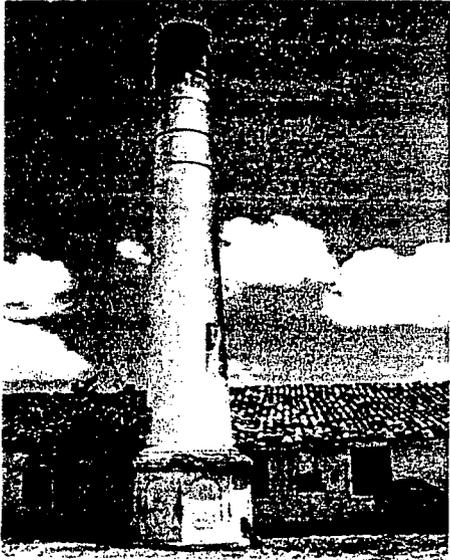
Fundado pelo major Antero Leopoldo Raposa da Câmara. Em 1935, passou para as mãos do Sr. Ruy Antunes Oliveira, e em 1975 este passou por herança a seu filho, o ex-prefeito de Ceará-Mirim e ex-deputado, Ruy Pereira



Engenho Mucuripe em  
Funcionamento.



Casa de purgar do engenho  
Mucuripe

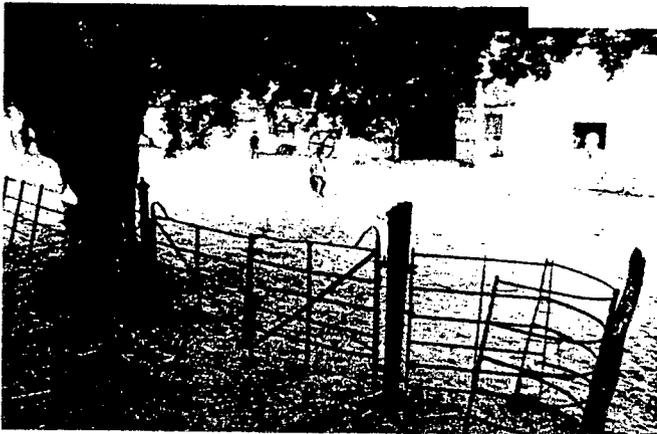


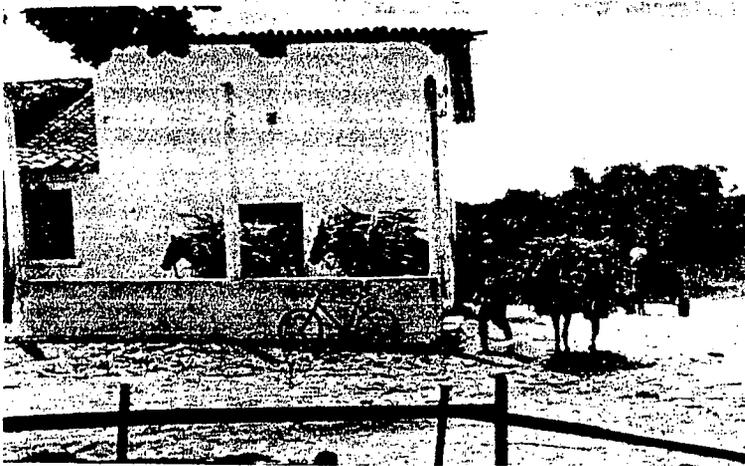
### **Engenho Verde Nasce**

Fundado por Dr. Victor José de Castro Barroca, primeiro juiz municipal de Ceará-Mirim. Engenho movido a vapor e seu maquinário é todo original.

A casa do engenho não mais existe, pois apesar de tombada em dezembro de 1989, foi demolida.

Famosa cerca que limita a propriedade do Engenho Verde Nasce, confeccionada em ferro fundido, com portão de acesso peculiar, que evita a passagem de animais.





Meu de transportar a cana (jumento), usado até os dias atuais.

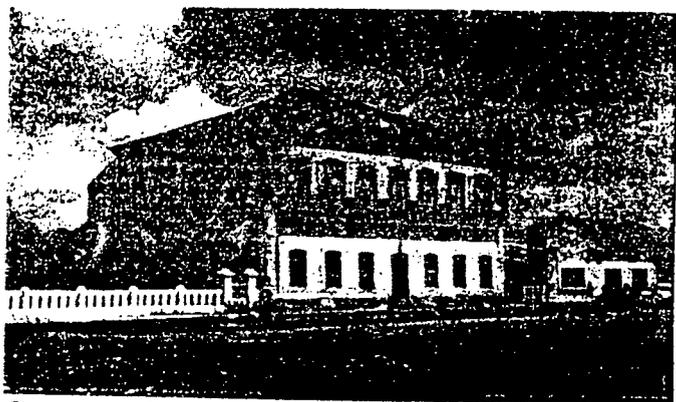
Fabricação do açúcar bruto e rapadura



Tachas com o mel, no processo da fabricação.



Pães de açúcar.



Casa grande do Engenho São Francisco

### A casa Grande do Barão de Ceará-Mirim

A antiga Casa Grande do Barão de Ceará-Mirim está localizada em terras da Usina S. Francisco (ex-engenho do mesmo nome).

Residência senhorial, edificada em meados do século passado, precisamente no ano de 1857. Seu primeiro proprietário foi o senhor de engenho Manoel Varela do Nascimento, Barão do Ceará-Mirim.

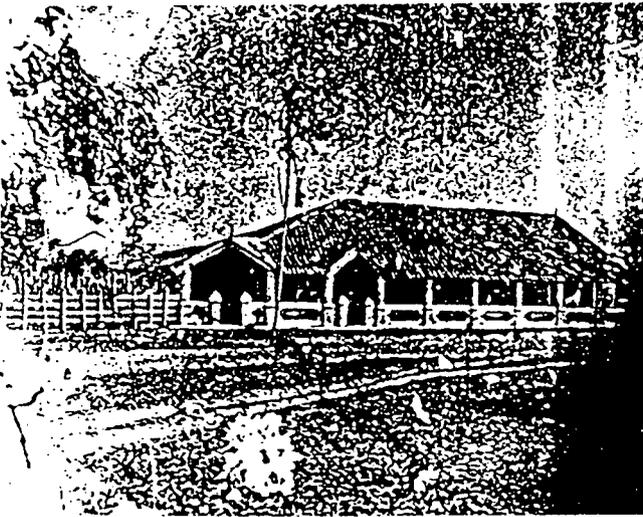


Usina São Francisco

Os Barão e a Baronesa estão sepultados na capelinha particular dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Situada nas proximidades da Usina.



Atualmente, a Casa grande do Barão de Ceará-Mirim abriga o escritório da Usina São Francisco, proprietário do imóvel. Ainda em funcionamento.



**Casa do Engenho Imburanas**



**Olheiro de Santa Tereza**

### **Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição**

A pedra fundamental da Igreja Matriz de Ceará-Mirim foi lançada a 21 de fevereiro de 1858, pelo Frei Sarafim de Caltânea – porém, suas obras somente foram concluídas no ano de 1900.

Em 1899, foram trazidos os sinos, doados pelo coronel Francisco José Soares do Engenho Cruzeiro. Foram colocados no dia 01 de janeiro de 1901. Outras doações: Josefa Cavalcanti Rocha – o Batistério – D. Vitória Duarte Ribeiro – Pia batismal toda em mármore. O sacrário em bronze, chegou à Matriz em 1951 por doação do Dr. Milton Varela.

O terreno da matriz foi doado pelo Barão de Ceará-Mirim (Manoel Varela do Nascimento) e pelo Sr. Antonio B.Viana do Engenho Carnaubal.



Detalhe da pintura  
no teto da Igreja.



### **Mercado Público**

Construído em 1881 pelo Coronel Onofre José Soares, Senhor do Engenho, Cruzeiros, com seus recursos próprios, assim obteve o direito de explorá-lo durante 20 anos.

A construção do mercado público dividiu a população, surgindo um conflito dos que tinham interesse de que a feira livre permanecesse na parte baixa da cidade, antiga rua grande.

### **O Solar dos Antunes**



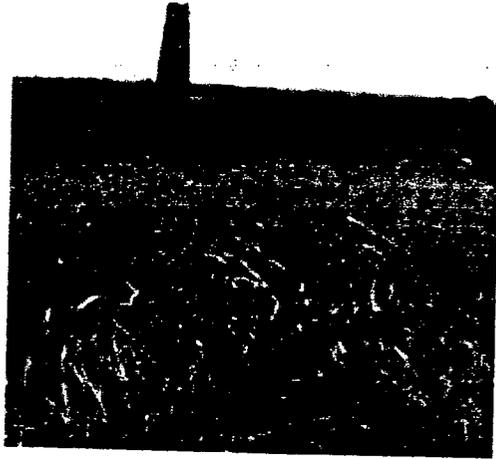
Localizado na esquina da Praça Onofre José Soares com a rua General João Varela, na cidade de Ceará-Mirim. Foi construído na Segunda metade do século XIX, precisamente no ano de 1888 pelo tenente coronel da Guarda Nacional José Antunes de Oliveira (Sr. engenho Oiteiro).

Seu estilo é neoclássico. Trata-se de um edifício de relevante valor arquitetônico o prédio apresenta partido de planta retangular, desenvolvidos em dois pavimentos com cobertura em duas águas.

A fachada principal do edifício, de concepção simétrica, apresenta porta emoldurada por duas colunas, encimada por frontão curvilíneo, em cujo tímpano existe uma inscrição: ANTUNES. A porta acha-se ladeada por quatro janelas. Todas as esquadrias da casa são de madeira pintada e vidros.

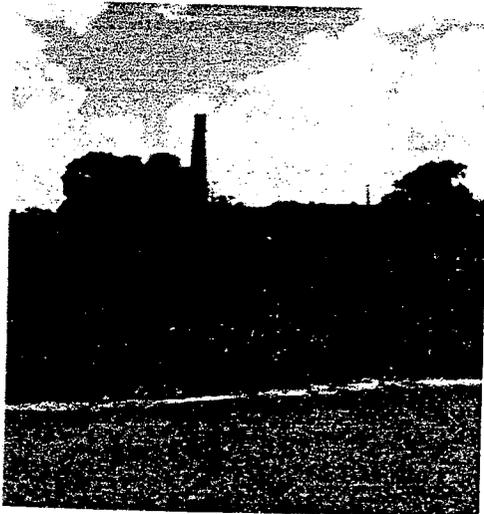
Foi restaurado pela Fundação José Augusto. É sede da Prefeitura Municipal desde 1978. (<http://meusite.osite.com.br/cmfoco>)

**OBS:** As fotos deste anexo são do acervo de: Manoel Bezerra; Jailma Santos e cabugi.com.



Fotos dos Bueiros:

*Hoje, quem passa pelo Vale do Ceará-Mirim, poderá perceber a intensidade que a atividade canavieira teve naquela região, ao ver a quantidade de chaminés solitárias dos antigos engenhos, dos quais, muitos estão em ruínas. As chaminés falam da decadência da produção dos engenhos, que foram dando lugar as usinas, no início deste século”[Século XX]<sup>109</sup>.*



<sup>109</sup> SOUZA, Aldinizia de Medeiros. Arquitetura do Século XIX em Ceará-Mirim.